

RAR

RAS

LR
A

DEPARTMENT OF STATE
LIBRARY DIVISION

DEC 14 1959

LR FILE COPY

PLEASE RETURN

A Bomba é Contra Lott

MÁRIO ALVES

alguns órgãos de imprensa têm insistido, nos últimos dias, em lançar sobre os comunistas a responsabilidade pelas explosões ocorridas nas repartições encarregadas do abastecimento e na rede de energia elétrica. A recente detenção de dirigentes sindicais e de militantes comunistas, sem qualquer indício que pudesse inculpá-los, constitui uma violação grosseira e inadmissível dos direitos individuais, contra a qual lavramos de público e mais veemente protesto.

O objetivo dessa acusação caluniosa é acobertar a impunidade dos verdadeiros responsáveis, desviando a atenção das autoridades e do povo do grupo realmente interessado naquela provocação. Este grupo é composto de alguns políticos civis e militares que atuam em órgãos governamentais, no ministério e na cúpula do partido majoritário, utilizando seus postos para opor entraves ao desenvolvimento econômico independente do país, fazer o jogo escuso dos in-

teresses monopolistas estrangeiros e sabotar por todos os meios a candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott. Somente a homens como Armando Falcão, Amaral Peixoto, Pais de Almeida, Nelson de Melo, Danilo Nunes e Humberto de Melo interessa neste momento provocar um clima de intranquilidade, com o objetivo de interromper o processo democrático que se desenvolve no país, justificar a recusa a medidas de exceção e alterar o quadro da campanha sucessória. Em última análise, sua intenção é afastar a candidatura de Lott e evitar que a campanha presidencial se trave em termos de luta entre o nacionalismo e o entreguismo.

Quanto aos comunistas, sua posição e seus métodos de ação política são conhecidos. Afirmamos que a solução dos problemas nacionais e a melhoria das condições de vida só podem ser obtidas por meio da luta organizada dos trabalhadores e do povo. Em nossa atividade esclarecedora, os ins-

trumentos que empregamos não são as bombas, nem os atos terroristas, mas as liberdades asseguradas pela Constituição. Somos pela legalidade democrática, porque este é o clima que oferece condições mais favoráveis à organização dos trabalhadores e ao fortalecimento de sua unidade. Como homens do povo, compartilhamos da profunda e justificada indignação popular contra a carestia da vida e a política de abastecimento e preços que o governo realiza. Mas o povo não precisa recorrer a processos terroristas, para obter do governo a modificação dessa política, porque dispõe de outros meios de luta mais eficazes: — os protestos organizados do movimento operário, das organizações estudantis e populares, das forças nacionalistas e democráticas.

Ante a gravidade dos últimos acontecimentos, é necessário advertir o Presidente da República para a sua responsabilidade em face da situação do país. Se quer continuar merecendo a confiança

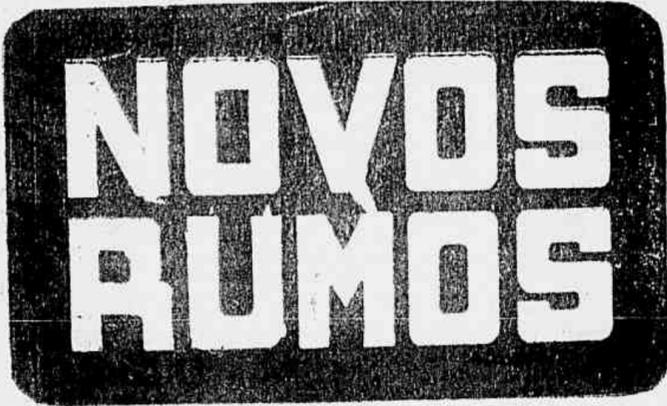
do povo, que o elegeu, o sr. Juscelino Kubitschek não pode admitir a presença, no seio do seu governo, de um grupo que contrarie abertamente os interesses nacionais fomentando provocações para perturbar a vida do país e utiliza a desmoralizada manobra anticomunista para prender dirigentes sindicais e incompatibilizar o governo com os trabalhadores. Uma política de menosprezo pelo bem-estar da população, de elevação de senfreada do custo de vida e de capitulação ante os tristes estrangeiros, como ocorreu no caso dos frigoríficos, provoca um descontentamento generalizado e cria o ambiente propício à ação dos elementos que intentam golpear a legalidade democrática para servir a interesses antinacionais.

O sr. Juscelino Kubitschek está portanto, em face da necessidade inadiável de modificar a política e a composição de seu governo, se deseja atender aos reclamos do povo e contribuir realmente para a vitória da candidatura nacionalista do marechal Lott.



O Comitê Estudantil Nacional pró-Lott foi instalado num ambiente de grande entusiasmo. D. Edna Lott (foto) representou o marechal Lott e pronunciou um discurso nacionalista de saudação aos estudantes (10a. pág.)

ANO I — Rio, Semana de 20 a 26 de Novembro de 1959 — N.º 39



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

Estruturar Um Brasil
Livre e Independente

Governo americano confirma:

Pressão Sobre JK Contra Intervenção Nos Frigoríficos

(11ª página)

NESTA
EDIÇÃO

VENDER
CAFÉ
AO MUNDO
TODO

(Memorial das Associações Rurais do Norte do Paraná — 6.ª página)

A LIGHT
SABOTA
A INDÚSTRIA
BRASILEIRA

(10ª página)

É JUSTA
A CAUSA
DO POVO
CUBANO

(Artigo de Pedro Pomar, na 9ª página)

O «NADA
TOTAL»
DE MATHIEU

(Artigo de Milton Ferrvitis, na 4ª página)



Quarenta Mil Pescadores Lutam

Na Terra e No Mar
Contra Uma Vida
De Escravos

(15ª página)

LOTT RESPONDE AO «CORREIO»

Em editorial publicado em sua edição de domingo último, o «Correio da Manhã» relaciona mais de uma dezena de oficiais superiores do Exército, apontando-os como comunistas e como suspeitos pelos atos terroristas praticados nesta Capital. A nota daquele órgão suscitou viva indignação, e dessa indignação se fez intérprete o marechal Henrique Lott. Em discurso pronunciado num dos seus comitês eleitorais desta Capital, o marechal Lott fez veemente crítica ao «Correio», afirmando: «ainda domingo último, vimos crucificados, como comunistas, oficiais do Exército, cujo maior crime é o de quererem, antes de mais nada, que as riquezas do nosso país sejam usadas em proveito dos brasileiros».

Proseguiu o marechal Lott frisando que não era de hoje o papel negativo exercido pelo «Correio da Manhã» na vida brasileira. Em épocas mais recuadas foi esse mesmo jornal que tachou de «negocista» o Barão do Rio Branco, no episódio da anexação do Acre; e a Pereira Passos chamou de «megalomaniaco» pelas proporções que este quis dar à Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco. Todas essas causas e outras mais incorreram no condenação do referido jornal.

Que Lucraremos Indo a Moscou?

(Reportagem, na 2.ª página, sobre o reatamento de relações com a URSS)

CRIME CONTRA O BRASIL!

Entregues à Standard As Chaves Da Petrobrás

(10ª página)

FALECEU
VILLA
LOBOS



Aos 72 anos de idade, vítima de um ataque de uremia, faleceu a 17 de novembro o grande compositor brasileiro Heitor Villa Lobos.

Villa Lobos deixa uma notável obra musical, que projetou não somente o seu nome mas o nome do Brasil nos meios musicais internacionais.

Villa Lobos deixa uma obra vastíssima, cujo mérito principal é ter-se inspirado em motivos folclóricos brasileiros, tornando-os mundialmente conhecidos. São famosas as suas «Sete sinfonias», calcadas em lendas amazônicas e motivos indígenas. Não menos conhecidas são suas «Bachianas brasileiras».

Os funerais do grande compositor tiveram honras de Estado, ficando a cargo do Ministério da Educação e Cultura.

Copy
3 MAY 27
1960

Que Lucraremos Indo a Moscou?

Partirá no toméço da próxima semana para a União Soviética a delegação oficial do Brasil que irá entabolar negociações comerciais em Moscou.

A delegação está assim constituída: Edmundo Pena Barbosa da Silva, embaixador, chefe da delegação, e os seguintes membros: Brigadeiro Henrique Fleiuss, presidente do Conselho Nacional da Petrobrás; Renato Costa Lima, presidente do IBC; Ivan de Oliveira, gerente da Carteira de Câmbio do Banco do Brasil; Euvaldo Mota, técnico do Banco do Brasil; Armando Mascarenhas, se-

cretário-geral da Missão; João Milton Prates, da presidência da República; Ovídio de Andrade Melo, do Itamarati; Amauri Bier, do Itamarati; Jaime Mascari de Sá, economista do Ministério das Relações Exteriores; Albino Manuel Regallo de Sousa, assessor do CNP; Valter Fantinati, assessor do CNP; Custódio Daniel Moura, assessor do CNP; Emerson José Dória Serbedo de Barros, assessor da Petrobrás; Eduardo Quintiliano da Fonseca Sobral, assessor da Petrobrás; Edmar Vargas Oliveira, assessor da CADEX; Alfeu Amaral, assessor da CADEX; e, Edgar da Araújo Sales, assessor do IBC.

A los da delegação brasileira a Moscou é um importante passo para normalizar as relações entre 2 grandes países: União Soviética e Brasil. Já tendo sido suficientemente demonstrado o absurdo da ausência dessas relações, quando todos os grandes países do mundo reconhecem a União Soviética, pois que está na vanguarda de algumas das mais importantes conquistas científicas e técnicas de nosso tempo. País em fase de ascensão vertical no domínio econômico e que tem prestado ajuda crescente aos países subdesenvolvidos, como demonstramos nesta página.

FOMENTO DA INDÚSTRIA

O quadro que reproduzimos aqui sobre os créditos concedidos ultimamente pela União Soviética a diversos países subdesenvolvidos é bastante eloquente. Ele nos mostra antes de tudo a atenção primordial dada ao fomento da indústria. Justamente neste ponto está a importância da ajuda prestada pela URSS. Durante séculos as potências colonizadoras impediram por todos os meios a fundação de indústrias nas colônias ou semicolônias. Era um meio de impedir o seu desenvolvimento e, portanto, de manter escravizado seu povo. Era um meio também de continuar vendendo seus produtos industriais a aqueles países.

países riquíssimos que chegam à era atômica e interplanetária sem qualquer base industrial, pois a sua industrialização contrariava os interesses das respectivas metrópoles.

Assim tem acontecido com os países da América Latina com toda a política de "boa vizinhança" dos Estados Unidos, com todo o pan-americanismo, com a famigerada "doutrina de Monroe", que já tem mais de um século. A América Latina, apesar de sua fabulosa riqueza potencial, é uma das regiões mais atrasadas, com uma população das mais pobres do mundo.



Renato Costa Lima, presidente do Instituto Brasileiro do Café

A Vez Dos Subdesenvolvidos

Uma das principais características do mundo do pós-guerra é a ajuda econômica prestada pelos países socialistas — sobretudo pela União Soviética — aos países subdesenvolvidos.

Esta ajuda não podia ser prestada antes da guerra, quando o primeiro país socialista — a URSS — era o único país socialista e estava submetido a um cerco capitalista não só do ponto-de-vista geográfico como também militar e, além disso, alvo de constantes atos de sabotagem internamente, com a destruição de fábricas, usinas, represas, etc.

Nos anos que se seguiram imediatamente à Segunda Guerra Mundial, a União Soviética voltou-se para a sua reconstrução, que reclamava imensos recursos e mão-de-obra. A URSS sofreu perdas materiais calculadas em 2 trilhões e 500 bilhões de rublos (aproximadamente 600 bilhões de dólares).

Logo que a União Soviética reconstruiu suas indústrias arrasadas pelos invasores e sua economia tomou um impulso jamais visto em qualquer outro país, iniciou todo um programa de ajuda aos demais países do campo socialista. Alguns desses países careciam completamente de indústrias: Bulgária, Albânia,

România. A URSS começou a fornecer-lhes créditos e equipamentos não só para a indústria leve e de alimentação como para a indústria pesada. A partir de 1949, depois da proclamação da República Popular da China, com o início da construção do socialismo naquele imenso país da Ásia, a URSS concluiu acordos para a construção de centenas de empresas industriais naquele país.

Em poucos anos no pós-guerra a URSS projetou-se no mundo como potência industrial de primeira grandeza. Estava plenamente capacitada a prestar ajuda fraternal e desinteressada aos países subdesenvolvidos, antigas colônias ou semicolônias que tratavam de consolidar sua independência econômica depois de terem conquistado a independência política.

Esta ajuda tem sido efetiva e pesa hoje decididamente no plano mundial. O exemplo mais convincente neste sentido são os créditos a longo prazo e a juros baixos concedidos pelo governo soviético aos governos de vários países da Ásia, África e América Latina. A importância desta ajuda está expressa no quadro seguinte:

CREDITOS DA URSS A ALGUNS PAISES SUBDESENVOLVIDOS ENTRE 1955 E 1959

PAISES	SOMA (EM RUBLOS)	OBJETIVOS PRINCIPAIS
1. Índia	1.000 milhões	Combinado metalúrgico; fábrica de máquinas pesadas; fábrica de equipamentos para minas; uma grande central elétrica e outras empresas.
2. RAU (região egípcia)	1.100 milhões	Construção e ampliação de empresas das indústrias metalúrgicas, de máquinas, de petróleo e outras; trabalhos de pesquisas e fomento da mineração; preparação de quadros para diversos ramos da economia; construção da primeira seção da represa de Assuã.
3. Afeganistão	480 milhões	Construção de empresas industriais e centrais elétricas; construção de meios de transporte e sistemas de irrigação.
4. Indonésia	425 milhões	Construção de diversas empresas, inclusive duas usinas metalúrgicas; medidas para fomento da agricultura; fornecimento de navios, veículos, automóveis, etc.
5. Ceilão	120 milhões	Estudos e projetos de obras de irrigação e hidrotécnica; fornecimento de equipamentos e ajuda técnica na construção de uma usina metalúrgica, de uma fábrica de materiais de construção, de uma fábrica de automóveis, etc.
6. Argentina	400 milhões	Fornecimento de equipamento para a indústria petrolífera.
7. Iraque	550 milhões	Ajuda na construção de empresas mecânicas, químicas, de alimentação e indústria leve, assim como em obras de irrigação e transportes.
8. Etiópia	400 milhões	Medidas para fomento da produção industrial e agrícola.

FONTE: A REVISTA SOVIÉTICA «MEJDUNARODNAIA JIZN», MOSCOU, SET., 1959.



Brigadeiro Henrique Fleiuss, presidente do CNP, um dos membros da Missão que irá à URSS

PRAZO LONGO JUROS BAIXOS

Uma particularidade dos créditos concedidos pela União Soviética — que neste sentido inaugurou um novo tipo de relações internacionais — é que são créditos a longo prazo e a juros baixos.

Enquanto os créditos e empréstimos concedidos pelos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental,

Francia cobram juros de 4 a 7 por cento ao ano, os créditos concedidos pela URSS são resgatados a juros de 2 a 2,5% ao ano.

As condições de pagamento dos créditos soviéticos são vantajosas para os países beneficiados. Em quase todos os acordos de concessão de crédito pela URSS prevalece o pagamento na moeda do país beneficiado, ou em mercadorias de sua exportação natural. É o caso, por exemplo, de Argentina. A energia soma de 400 milhões de rublos (100 milhões de dólares) destinada à compra de material para a indústria de petróleo argentina. A URSS fornecerá torções, refinarias e demais equipamentos petrolíferos e os 400 milhões de rublos correspondentes serão pagos pela Argentina em carnele, óleos vegetais e outros produtos de sua exportação. Assim, este tipo de crédito nada tem que ver com os acordos feitos por Fren-dri com empresas norte-americanas que vão explorar o petróleo argentino, dele se apropriando — aumentando sua influência econômica (e política) no país.

MAIS DE 200 EMPRESAS

Pelos acordos existentes atualmente entre a União Soviética e países subdesenvolvidos da Ásia e África, a URSS ajuda estes países a constituírem um total superior a 200 empresas industriais, centrais elétricas, obras de irrigação e outras.

A ajuda efetiva da União Soviética a esses países já desempenha um papel de considerável significação em sua vida econômica. Assim, os créditos concedidos à Índia (onde as universidades inglesas são enormemente influentes) aproximadamente 15% das despesas efetuadas pelo país com divisas estrangeiras para a realização de seu segundo plano quinquenal. Na República Árabe Unida, essa participação ainda é maior: cerca de 50% para seu plano de fomento industrial. Na Afeganistão, dos recursos estrangeiros recebidos 70% são de fonte soviética.

O desejo sincero da URSS de contribuir para o desenvolvimento dos países economicamente atrasados se expressa ainda pela recente proposta de Moscou à Índia, de conceder-lhe um novo crédito de 1 bilhão e 500 milhões de ru-

bls para o fortalecimento da independência econômica do país. (Correspondem, aproximadamente, a 400 milhões de dólares).

O Interêsse Da URSS

Pode-se argumentar: Que interêsse tem a União Soviética em conceder créditos a juros tão baixos a países capitalistas ou que ainda se encontram no campo capitalista? Tais empresários, do ponto de vista de "negócio", não oferecem vantagens. Por que então os concede a URSS?

Sim, do ponto de vista de negócio como se concebe no mundo capitalista, a URSS nada lucra.

Mas "lucra" no seguinte: 1) Favorecendo a industrialização dos países subdesenvolvidos, ajuda estes países a consolidarem sua independência política, mediante o reforço de sua independência econômica. Assim se debilita o principal inimigo do progresso da humanidade nos tempos atuais: o imperialismo, que é também o principal inimigo do socialismo. 2) Muitos dos países

subdesenvolvidos seguem hoje as potências imperialistas em seus planos de guerra e agressão, unicamente porque dependem daquelas potências. Desde que se livrem da pressão ou do domínio econômico estrangeiro, esses países passam a reforçar o campo da paz, debilitando, portanto, o campo da guerra e da agressão. Isto, naturalmente, interessa à URSS, como a todos os povos que amam a paz.

CRÔNICA INTERNACIONAL

SÓ FALTA O SUBMARINO

A 24 de novembro, embarcará para Moscou a delegação brasileira que vai entabolar negociações para o restabelecimento de relações comerciais entre o Brasil e a União Soviética. Até que enfim o governo brasileiro se decide a romper as fortíssimas barreiras que se antepõem ao comércio entre o nosso país e uma das duas grandes potências mundiais.

Não será fácil a tarefa da missão comercial brasileira a Moscou. E, não tenhamos dúvidas, os obstáculos à conclusão de acordos comerciais efetivos ainda se encontram aqui. Aqui e nos Estados Unidos. Como pano de amostra, vejamos o encadeamento de alguns fatos bastante sintomáticos das dificuldades que terá de vencer a delegação brasileira à URSS.

A nota do Itamarati anunciando a formação da missão brasileira é da última semana de outubro. Imediatamente, iniciou-se uma séria ofensiva dos grupos pró-americanos contrários à quebra do monopólio de nosso comércio pelos Estados Unidos.

Veio à arena imediatamente o Sr. Rui Gomes de Almeida, homem ligado ao alto comércio ianque, condenando a iniciativa do sr. Horácio Lacerda. E se tem seguido uma torrente de publicidade, de fontes norte-americanas, tendo como veículo principal "O Globo". A 3 de novembro esse jornal lançava as infâmias do sr. Jorge de Matos, do Conselho Deliberativo do Centro Industrial do Rio de Janeiro, organização fantasma, destinada a advogar os interesses dos monopólios norte-americanos no Brasil. Dias depois, as mentiras do sr. Matos eram glosadas e ligadas diretamente ao possível estabelecimento de relações comerciais entre o Brasil e a URSS ("O Globo", 12-11-59). Divulgavam-se as simples inverdades sobre o comércio da URSS com outros países, numa tentativa sôrdida de acusar a União Soviética de prejudicar comercialmente países subdesenvolvidos com os quais comercia. A URSS teria comprado produtos a outros países, inclusive a Birmânia, para fins de dumping. (No dia anterior, o mesmo "O Globo" divulgava uma correspondência de Nova Iorque sobre supostos "perigos" resultantes do comércio com a URSS).

Mas aquele órgão policial é apenas um dos veículos da campanha norte-americana e da reação interna contra o comércio com a URSS. A fonte, o grande manancial são as agências telegráficas norte-americanas. Nos Estados Unidos abriram-se as comportas em fontes oficiais. Esta semana, o sr. Roy Rubottom, secretário Adjunto do Departamento de Estado para Assuntos Interamericanos, vem fazendo estatísticas das latino-americanas que vão a Moscou, e conclui que "os comunistas estão conspirando". Do Uruguai, a agência americana Associated Press fez considerações sobre imaginárias infiltrações, tendo como sede a Embaixada soviética em Montevideo.

E tudo isto antes de embarcar a delegação brasileira a Moscou. Depois do seu embarque, durante as conversações na Capital soviética e, sobretudo, se as conversações conduzirem a algo concreto, a onda de provocações crescerá. Crescerá a onda de anticomunismo e anti-sovietismo. Não é improvável que dentro em pouco apareça algum novo submarino "desconhecido" nas costas do Brasil.

Por ora, é o que falta.

RUI FACO

NOVOS RUMOS

Director — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmon Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardi.
MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/905
Endereço telegráfico — "NOVOSRUMOS"
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral . . . " 130,00
Trimestral . . . " 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso Cr\$ 5,00
N. atrasado .. " 8,00

Lançam Bombas Aumentam Preços Sabotam Lott



Cairam na mais completa desmoralização as tentativas de atribuir aos comunistas as recentes explosões havidas na cidade. Não só foi ridicularizada, em todos os círculos responsáveis, a versão de que se tratava de "atentados esquerdistas", como despertou protestos enérgicos a série de prisões efetuadas no fim da última semana pela polícia política, visando sobretudo conhecidos líderes do movimento sindical.

Na mesma tarde em que se realizavam essas detenções, diversos protestos eram feitos da tribuna da Câmara Federal, onde, por iniciativa do sr. José Gomes Tarlicio e outros parlamentares, foi dirigida à Mesa uma moção assinada por dezenas de representantes do povo, enquanto se constituía uma comissão de dez

O «Correio da Manhã» e os frigoríficos

O «Correio da Manhã» encabeçou a campanha contra o general Ururai Magalhães logo que este afirmou serem os frigoríficos estrangeiros os responsáveis pela falta de carne no Rio e em São Paulo. Regozijou-se com a demissão do general da presidência da COFAP. O «Correio» foi todo otimista quando o novo presidente da COFAP, sr. Guilherme Romano, prontificou-se a levantar a ordem de intervenção contra os frigoríficos estrangeiros. Porque a «Correio» advogava o aumento do preço da carne — justamente o que pretendem e impõem os trustes da carne. Mas as medidas tomadas pelo sr. Romano não resolveram o problema. Os frigoríficos continuaram sabotando abertamente o fornecimento de carne nas duas grandes cidades. Num beco sem saída, o sr. Romano foi obrigado a reconhecer a realidade e disse a mesma coisa que o general Ururai: acusou os frigoríficos estrangeiros pela falta de carne. No mesmo dia, o «Correio da Manhã» (18.XI) ataca o sr. Guilherme Romano.

O «Correio da Manhã» já classificava o general Ururai de fazer «o jogo dos comunistas». Acusava-o de ser um homem de «usar uma linguagem comunista».

Falta agora entrar na lista do «Correio» o sr. Guilherme Romano.

Mes, o «Correio da Manhã» está fazendo o jogo de quem?

deputados, dos vários partidos, que logo mais entrava em contato com o chefe de polícia protestando contra as violências e exigindo o respeito à Constituição.

A presteza e a energia com que se fizeram esses protestos contra a tentativa de lançar sobre os comunistas a responsabilidade dos acontecimentos, evidenciam que as forças políticas e a opinião pública não se deixam enganar facilmente.

Nas condições atuais de nosso país, quando mais do que ninguém os comunistas procuram reunir todos os patriotas para a luta comum por uma política nacionalista e democrática e para assegurar a vitória da candidatura do marechal Lott, em 1960, contra a candidatura entreguista de Jânio Quadros, a quem interessa a criação de um clima de insegurança que possa resultar em violências contra o movimento popular e nacionalista? É evidente que um clima dessa natureza interessa, não aos comunistas, mas antes de tudo, aos grupos mais reacionários e entreguistas — hoje, particularmente, aos que se acham enquistados no próprio situacionismo — com o objetivo de atingir as forças nacionalistas e dificultar, cada vez mais, o fortalecimento da candidatura Lott.

APONTADO DANILO

Esta convicção — que é confirmada diariamente pela sucessão de medidas antipopulares tomadas pelo governo e pela persistente sabotagem à candidatura do marechal Lott — leva a que a reação da opinião pública, logo ao tomar conhecimento das recentes explosões, tenha sido, quase unanimemente, no sentido de apontar como autores dos atentados os elementos mais raivosamente reacionários do governo

e conhecidos pela facilidade com que engendram "planos" para atribuí-los aos comunistas. E deles o mais visado foi precisamente o coronel Danilo Nunes, antigo delegado da Ordem Política e Social. Não só pelas circunstâncias de ser considerado especialista em explosivos e ocupar o cargo de secretário-geral do Conselho Coordenador do Abastecimento — local onde explodiu uma das bombas — mas sobre-

tudo pelas suas posições políticas, o sr. Danilo Nunes passou a ser o alvo sobre o qual recaíam mais insistentemente as suspeitas. Seu nome chegou mesmo a ser apontado, com todas as letras, em artigos assinados pelos jornalistas Paulo da Silveira e Adalgisa Nery no jornal «Última Hora». No Palácio Tiradentes, tanto entre os deputados como na bancada de imprensa, era comum ouvir-se a pergunta:

— Então, o Danilo já confessou?

Não se sabe, entretanto, que o coronel Danilo tenha sido até agora interrogado. Nem ele nem nenhum dos elementos que ocupam postos importantes no governo, embora não haja dúvida quanto ao fato de que é principalmente ao grupo entreguista e reacionário do situacionismo que interessa, nesse instante, a criação de um ambiente de intranquilidade e insegurança.

CONSPIRAÇÃO CONTRA LOTT

Não é de hoje, alias, que o grupo entreguista e reacionário do governo vem agindo no sentido de implantar no país uma situação que justifique golpear o movimento nacionalista e que, no plano eleitoral, possa resultar na retirada da candidatura do marechal Teixeira Lott.

Há poucos meses, em Belo Horizonte, o coronel Humberto de Melo, conhecido por suas ligações ostensivas com a polícia norte-americana, defendia abertamente que fosse posta de lado a Constituição porque, dizia, nada pode ser resolvido nos quadros da legalidade constitucional. Pouco mais tarde, era lançada uma nota do governo contendo ameaças e sugerindo a iminência de medidas de exceção, o que foi geralmente interpretado como uma tentativa dos elementos mais reacionários do situacionismo de afastar o marechal Teixeira Lott do Ministério da Guerra e liquidar o definitivo a sua candidatura. O sr. Armando Falcão falava insistentemente, então, em estado de sítio, afirmando-se mesmo que o decreto chegara a ser redigido. Semanas depois, volta-se à tona a manobra da união nacional, no curso da qual as sobras da cupula possedista tramaram a substituição do nome do marechal Lott pelo do sr. Juarez Magalhães.

MEDIDAS CONTRA O POVO

Enquanto se realizavam as manobras no plano político — sucessivas tramas frustradas contra a candidatura Lott — viviam e vêm sendo adotadas as mais odiosas e provocativas medidas contra o povo. O caso da carne é de todos o mais importante. Para não enfrentar os frigoríficos estrangeiros, e cedendo ante as

imposições do governo norte-americano transmitidas com insolência pelo embaixador dos Estados Unidos, o governo condena o povo a passar meses seguidos sem o seu principal alimento. Quando a opinião pública está convencida de que o problema seria resolvido através da intervenção nos frigoríficos — como defendia firmemente o general Ururai Magalhães — o que faz o governo é demitir o general da direção da COFAP, sem ouvir sequer o marechal Lott, e substituí-lo por um negociante como o sr. Guilherme Romano, cujo primeiro ato foi liberar (isto é, aumentar) o preço da carne, como exigiam os frigoríficos estrangeiros através do embaixador Moors Cabot.

Não é claro que semelhante política só pode agravar a intranquilidade pública e concorrer para o enfraquecimento da candidatura que deve ter o apoio do situacionismo?

GOLPE NA PETROBRÁS

Essas medidas provocativas acabam de atingir a própria Petrobrás, que todo o povo brasileiro considera intocável, como tem dito, em quase todos os seus pronunciamentos públicos, o atual ministro da Guerra.

A atual direção da Petrobrás, com o apoio do sr. Juscelino Kubitschek, firmou há pouco um acordo com a Standard Oil, em condições altamente lesivas aos interesses nacionais, segundo as quais perde a empresa estatal brasileira a independência de ação tanto para importar óleo cru como para exportar a sua produção. Segundo o acordo, passa a caber à Standard Oil o controle sobre o monopólio estatal do petróleo. Isto num momento em que os naciona-

listas brasileiros reclamam o fortalecimento do monopólio estatal e inclusive a extensão do regime de monopólio de Estado a outros ramos da indústria do petróleo e a sua distribuição.

Esse atentado contra a Petrobrás está provocando enorme e natural indignação não somente no seio das forças armadas, mas entre todos os patriotas, e constitui um grave fator de intranquilidade.

CONTINUA A SABOTAGEM

O coroamento dessa política antipopular e antinacionalista é a sistemática sabotagem da candidatura Lott. Enquanto aumentam os preços, falta a carne, a Petrobrás é atingida e são colocadas bombas na COFAP, nenhuma iniciativa é tomada com seriedade pelos dirigentes do situacionismo — sobretudo os sr. Armando Falcão e Amarel Peixoto — a fim de fortalecer a candidatura Lott. Chega-se agora a falar em um novo adiamento da Convenção do PSD, enquanto a reunião que devia ser realizada segunda-feira última para acertar providências ligadas a campanha não se efetuou devido à desastrosa ausência do sr. Amarel Peixoto e outros dirigentes possedistas.

Derrotados na manobra de substituir Lott por Juraci, as sobras do situacionismo, que temem o caráter nacionalista da candidatura do atual ministro da Guerra, entregam-se a sabotagem através da tática ora em curso: acirrar os fatores de intranquilidade e criar o ambiente para o afastamento de uma candidatura nacionalista e democrática em torno da qual se agrupam as melhores forças patrióticas e populares do país.

Fatores estranhos passaram-se, nos últimos dias, em coincidência com a denúncia de nova investida contra a Petrobrás, Investida, por sinal, é termo impróprio, nesse caso. Parece que a Petrobrás está sendo minada por dentro. Na COFAP e no Conselho de Abastecimento alguns embaixados processam a alquimia da alta dos preços. Deve haver um propósito de levar o povo ao desespero.

Depois da demissão do general Ururai por ordem das Embaixadas americana e inglesa, desembarcou feijão bichado no Cais do Porto, procedente dos Estados Unidos. Encerrada feita ao tempo do coronel Mindelo, em operação comercial que constituiu verdadeiro prodígio, como síntese de irregularidades.

Para substituir o general Ururai, JK aceita a sugestão de nomear o sr. Guilherme Romano, talentoso animador de um surto de paralisia infantil surgido, ampliado e, afinal, debelado nas próprias manchetes de jornais. Entusiasmado com a escolha do Sr. Romano para a COFAP, o líder da maioria, esfregando as mãos de contentamento, em transbordante manifestação de inocente otimismo, proclamava aos jornalistas da Câmara: «O homem é rasgadamente do show! Vai ser um sucesso». Efetivamente, o sucesso não se fez esperar.

Explodiram bombas na COFAP e no Conselho de Abastecimento. Na COFAP, um homem do «show». No Conselho, o fotográfico Danilo, com seus mapas, suas conferências na TV e sua escandalosa simpatia por tudo que cheira a FBI. A dupla maravilhosa seria depois reforçada pela presença do sinistro inspetor Borer, outra figura de «show». Ele e alguns tiras comprometidos com o golpismo do ex-chefe de Polícia Cortes foram denunciados na Câmara.

Certamente, depois de refletir sobre esse tecido de combinações, resolveu o chefe de Polícia prender comunistas e líderes sindicais. Houve um pequeno estado de sítio, privativo da classe operária, durante o qual o sr. Falcão, talvez lembrando-se do tempo em que formava no Clube da Lanterna, passou a divulgar versões inverídicas sobre o lançamento de bombas também em São Paulo. O próprio Ministério da Justiça, alentado a fogueira do alarmismo.

Disse o coronel Cruzante a uma comissão de deputados, em seu gabinete, que não prendeu, apenas convidou os líderes operários. Ouvidos, foram mandados em paz, livres de suspeitas. Vejam a grande vantagem! Não se chegou, porém, a formar, em frente à Polícia, a fila de candidatos a «convites». E quando aos interessados no alarmismo e na supressão das garantias constitucionais, a tática foi verdadeiramente diabólica. Só da mão, o chefe de Polícia não «convidou» nenhum deles. Deixou-os entregues ao suplício dos rumores, numa tortura igual à de Macbeth. «Sleep no more! Sleep no more». Do alegre «show» do sr. Romano passou-se a tragédia shakespeariana, com artistas de teatro mandando.

NOVO CHEFE DE POLÍCIA DANILLO NUNES FOI RECHAÇADO

Quando encerrávamos os trabalhos desta edição, foi anunciada a saída do coronel Cruzante Figueiredo da Chefia de Polícia. Segundo soubermos em fontes autorizadas, o ministro Armando Falcão se empenhou numa tentativa de obter a nomeação do coronel Danilo Nunes para aquele cargo. Mas essa in-

dicação foi rechaçada pelos círculos nacionalistas do Exército. Era tida como certa a nomeação, para a chefia do DESP, do coronel Luiz Inácio Jacques Junior, comandante da Polícia Militar e que serviu no gabinete do marechal Teixeira Lott.

Na Câmara

STANDARD E PETROBRÁS

A Frente Parlamentar Nacionalista está atenta às manobras dos trustes petrolíferos, que agem no sentido de debilitar a Petrobrás e desmoralizar a política nacional de petróleo. No decorrer da semana, vários deputados trataram de questões relativas à empresa estatal e ao Conselho Nacional do Petróleo.

O sr. Salvador Lossuco solicitou transcrição nos anais da denúncia, publicada no último número de «O Semanário», da en-

trega à Esso, pela atual presidente da Petrobrás, cel. Sardenberg, do controle da produção, exportação e importação de todo o óleo combustível a ser consumido no país durante 7 anos.

Da tribuna, o sr. Neiva Moreira também criticou duramente o contrato.

Através de requerimento encaminhado à Mesa, o sr. Adalhi Barreto quer saber do CNP porque o Fundo Geral de Fretes, criado para promover, na medida do possível, a uniformização dos preços dos derivados do petróleo no território nacional, se apresenta altamente deficitário.

JK com os frigoríficos, nacionalistas com Ururai

Sob o silêncio da oposição e o desinteresse da grande parte da maioria, prosseguiram por mais de dois dias, em sessão pública, as manifestações de solidariedade ao gal. Ururai Magalhães por sua patriótica atitude a frente da COFAP, especialmente na questão da carne e do estranhismo ante a repulsa do Presidente da República, de vergonhosas capitulação à pressão dos frigoríficos estrangeiros. Além de vemente discurso pronunciado pelo sr. Almino Afonso, pronunciaram-se ainda sobre a questão, analisando-a sob vários de-

Saqueadas as reservas de manganês

O manganês brasileiro, submetido ao regime de fonte constante através de uma política suicida de exportação, está servindo para constituir nos Estados Unidos o fundo de reserva necessário à indústria siderúrgica norte-americana. Enquanto o futuro da indústria de base nacional e de todo o nosso desenvolvimento industrial ameaça ficar sepultado nas inmensas crateras em que se transformam as nossas regiões mineiras, em Mato Grosso, Uru-

cum, no Amapá e em Minas Gerais, o que recebemos em divisas com a exportação do precioso mineral representa, apenas, 20 milhões de dólares por ano, quantia inferior ao que gastamos anualmente — 40 milhões — com a importação de urvas, peras e maçãs.

É este o tema de importante discurso denunciado pronunciado pelo sr. Fernando Santana (PTB da Bahia), na sessão vespertina de segunda-feira, da semana passada.

Centro cultural para Brasília

Brasília continua na ordem do dia. Antes fo-

ram as denúncias do sr. Elias Adalme. Agora, trata-se da criação de uma Fundação com o objetivo de reunir homens de recursos de todos os quadrantes do país, dispostos a financiar e manter na nova capital um centro cultural, científico e artístico, de engrandecimento social entre a sua população e os visitantes e forasteiros que para lá demandam a comunicação foi feita ao plenário pelo sr. Cunha Bueno (PSD de S. Paulo) autor da iniciativa e seu patrono, juntamente com um grupo de personalidades paulistas.

Custo de vida

O relatório do grupo de trabalho designado pela Comissão de Economia para estudar o problema da alta do custo da vida já se encontra em exame pelo plenário desse órgão técnico da Câmara. O autor do relatório é o sr. Paulo de Tarso (PDC de S. Paulo), sendo relator, do mesmo perante a Comissão o sr. Bocayuva Cunha, do PTB fluminense.

Mudar De Política Afastar Os Entreguistas

«É possível que essas provocações contra o povo e essas manobras contra a candidatura do marechal Lott prosseguam indefinidamente. Sobretudo depois que se oficializou a candidatura Jânio Quadros pela UDN e teve início a campanha eleitoral do amigo de Rockefeller, não pode ser mais protelada a tomada de posição das forças políticas do situacionismo a favor, concretamente, da candidatura do ministro da Guerra. As resistências que ainda se fazem sentir — de um Armando Falcão, ou Amarel Peixoto, ou Sebastião Pais de Almeida, ou do grupo Danilo Nunes-Humberto de Melo — precisam ser afastadas de uma vez.

Não basta, porém, um apoio formal à candidatura Lott. Toma-se cada dia mais evidente que se o sr. Juscelino Kubitschek e outros dirigentes do situacionismo pretendem, de fato, contribuir para a vitória de Lott nas urnas, o que têm a fazer, com a mais absoluta urgência, é mudar os rumos da política seguida pelo governo, isto é: afirmar, politicamente, com o caráter e o sentido da candidatura nacionalista. Esse afirmamento não existe hoje, de modo algum.

Insiste, por exemplo, o sr. Juscelino Kubitschek, cedendo aos grupos mais retrógrados e entreguistas do seu governo, em realizar uma política que conduz a uma carestia de vida cada dia mais alarmante, contribuindo para a crescente impopularidade do governo e trazendo visíveis prejuízos à candidatura Lott. São conhecidos, entretanto, pontos-de-vista do marechal Lott, como os que se referem à necessidade da limitação da remessa de lucros das empresas estrangeiras e à reforma agrária, que, se levados à prática, importariam

um imediato desalívio da situação econômica do país e em estabelecer o ritmo alarmante da carestia. As sugestões do marechal Teixeira Lott, no entanto, não têm sido levadas em conta pelo governo. Ao contrário: o governo, agindo segundo indicações de homens como o sr. Sebastião Pais de Almeida, toma precisamente o caminho das concessões aos trustes norte-americanos como um questão dos frigoríficos e com isso agrava o problema da carestia.

É urgente que seja reformulada a política do governo, no sentido de uma orientação claramente nacionalista e democrática. Essa será a forma de contribuir o situacionismo para a vitória de Lott nas eleições do próximo ano. Enquanto persistir na política de fome para as massas, de concessões aos imperialistas norte-americanos e de otusidade diante das provocações do grupo terrorista a candidatura do marechal Lott será submetida a um incessante desgaste. O aumento da carne, os golpes contra a Petrobrás e as bombas da COFAP são partes de uma conspiração contra a candidatura nacionalista do marechal Teixeira Lott.

Para que seja posta em prática essa política nacionalista e democrática, exigida pelas forças patrióticas e populares, é indispensável que o sr. Juscelino Kubitschek se decida a afastar do governo os elementos entreguistas e mais reacionários — Falcão, Amarel Peixoto, Pais de Almeida, Danilo, etc. —, substituindo-os por elementos realmente identificados com a candidatura Lott e dispostos a lutar, com sinceridade e firmeza, pela sua vitória em outubro de 1960.

O MUNDO QUE EU VI

ENEIDA

A MAIOR BIBLIOTECA DO MUNDO

A Biblioteca Lênin ocupa um gran-
de lugar entre as instituições culturais
de Moscou. É conhecida no mundo todo
não apenas como uma casa de livros de
importância primordial que reúne cole-
ções multimilionárias, mas também co-
mo uma biblioteca nacional estreitamente
ligada a várias organizações científicas
e a várias bibliotecas do mundo
inteiro.

O prédio onde ela está atualmente
com os seus 19 milhões de impressos:
livros, jornais, revistas, etc. foi cons-
truído em 1929; são cinco grandes blocos
ocupando um quarteirão num dos
bairros mais centrais de Moscou.

O prédio velho que ora serve de de-
pósito, está ligado ao novo por um sub-
terrâneo.

A moçinha que me leva através da
quente mundo de livros, tomando eleva-
dores, subindo escadas, fala um fran-
cês fluente, mas se eu preferir ela tam-
bém pode falar espanhol. Pode muitas
vezes depois de não ler tido ainda tempo
para aprender o português.

Vou vendo as salas onde na homens
e mulheres dobracados em livros. Há
vários e jovens. A mesa tem tudo que
um bom leitor, um pesquisador ou um
simples estudante necessita: a estante
para colocar o livro terminada a leitura,
um abajur para os dias sem luz,
caneta, papel e silêncio, um silêncio que
nada perturba. Ali estão oito milhões
e novecentos mil livros. Vejo-os depois
nos seus depósitos, naqueles andares que
chamam a desinfetante e são claros, com
temperatura própria para que os livros
não sofram.

Abre as oito da manhã, fecha às 23
horas. Olho as estatísticas de frequência.
140.000 leitores de todas as profissões
frequentam anualmente a biblioteca,
que também empresta uma média de

trinta mil livros por dia para cinco ou
seis mil leitores.

Como temos inter-relação com vrias
bibliotecas do mundo todo, se um
estudioso, um técnico, precisa de um li-
vro que não possuímos, mandamos im-
ediatamente para que ele possa receber o livro
e imediatamente mandamos buscá-lo no
estrangeiro.

Não sei porque costuma a respeito
do livro. Uma velhinha está fazendo
lendo um grosso volume, que tenho con-
tado de perguntar-lhe o que quer saber
naquela idade. Depois, penso que estou
raciocinando como uma pessoa que julga
que um velho não tem direito a apro-
pria. Pego mentalmente perdão à velhinha
e continuo visitando aquele mundo
de livros. Há biblioteca de microfones,
evangelhos com mais de novecentos anos,
livros raros e também um mostruário
dos últimos livros publicados em Mos-
cou. Há de tudo: literatura nacional e
estrangeira, artes, ciências.

A moçinha explica:

A Biblioteca foi fundada em 1862
e foi a primeira biblioteca pública de
Moscou. De 1893 a 1897, Lênin frequen-
tou-a muito, depois da revolução, em
cresceu e Lênin disse justamente o que
está gravado neste mármore: ever com
orgulho e a glória a biblioteca pública,
não somente pela quantidade de suas
obras raras, de suas edições do século
XVI ou dos manuscritos do século X,
mas pela circulação maior de livro entre
o povo, na aquisição de novos leitores
e na satisfação rápida de todos os pe-
diços de livros: na quantidade dos livros
emprestados para serem lidos em casa,
na quantidade de crianças que a biblio-
teca torna apaixonadas pelo livro.

Uma instituição que realiza tanto
por cento suas funções, como aquela
Lênin.

O "Nada Total"

De Georges Mathieu

Milton Fervitis

A observação das diver-
sas correntes artísticas do
mundo atual revela clara-
mente a desorientação e
o desespero que se apos-
tam de muitos artistas. No
campo da pintura, parti-
cularmente a falta de ob-
jetividade, a ausência de
contato com temas da vida
social, a desilusão ante um
mundo objetivo que pou-
co compreendem e que,
por isso, acusam de opor-
se às liberdades indivi-
duais e artísticas, têm le-
vado os pintores à simples
pesquisa da forma, que os
atrai por sua aparente
liberdade própria.

Assim, o conceito de li-
berdade artística passa a
ser encurtado como ilimita-
do, já que a pesquisa for-
mal admite combinações
infinitas. A beleza deslo-
ca-se do mundo sensível,
onde é possível a sua iden-
tificação com o homem e
sua compreensão estética,
para as profundidades da
natureza infinita, onde é
tudo é possível, a começar
pela inconsciência total no
processo criador, verifican-
do-se um completo aban-
dono da inestimável rique-
za dos temas que a vida
social pode fornecer.

Em Georges Mathieu,
pintor francês que ora nos
visita, encontramos o
exemplo extremado da sub-
jetividade artística, levada
a termos tais que lhe per-
mitem declarar:

Uma fenomenologia car-
regada de nova surge
na campo da expressão,
ordenando uma estrutura-
ção igualmente nova de
formas a partir do NADA
TOTAL.

Considerada a sentido
objetivo de tal declaração,
o Nada Total é realmen-
te a mais palpável reali-
dade de seus quadros.

Essa conceitualização, é cla-
ra, não ocorre por acaso.
Há ligações bastante es-
tetas entre o histerismo
afônico que se apoderou
de certos núcleos humanos
e a pintura irracional de
Mathieu.

O Apóstolo da Liberdade
de Total nos propõe co-
mo postulados empíricos a
substituição da criação
consciente penetrada pe-
los problemas da vida so-
cial onde o possível seja
o humano, pelo abismo
dos limites, a partir do
qual tudo é possível: a
improvisação e a veloci-
dade como fatores ingenui-
tamente capazes de evitar a
premeditação e a refer-
ência a um modelo, forma
ou gesto já usados, es-
quecendo-se de que só o
aspecto formal de suas
obras é improvisado. O seu
conteúdo, isto é, a nega-
ção da realidade sensível
do mundo que o aterroriza
e contra o qual reage
agressiva e desordenada-
mente, apelando para o
irracional, para o supér-
fluo e, inclusive, para a
teatralidade barata a fim
de convencer ingênuos, es-
tá bem claro: desespero,
inconsciência total, caos
artístico.

Colocada diante do fato,
nossa crítica de arte omi-
tuiu-se. Omitiu-se através
da literatura, pela pre-
ocupação de uma análise
superficial do fenômeno.

Procura-se dar caráter
de validade artística a
uma corrente dessa natu-
reza pelo simples fato de
ela existir e encontrar
aceptos, alguns deles com
talento, como se a validade

de não tivesse o critério
objetivo e interessado a
controlá-la. Válida em que
sentido e por que tal deve
ser a formulação.

Com raras exceções, os
críticos emprestaram seu
nome e competência numa
divulgação escolástica des-
sas idéias, postas quase
sempre no plano puramen-
te literário. Assim, ouvi-
mos falar de definições
meramente semânticas em
torno de expressões como
"abstracionismo lírico",
"pintura informal" etc., a
par de constatações sobre
as características formais
comparações com o im-
pressionismo francês che-
gando-se mesmo a obser-
vações como as que con-
sideram Mathieu o primei-
ro grande pintor-calígrafo
do Ocidente na opi-
nion do suspetíssimo An-
drie Malraux.

Isso demonstra a débil
posição em que esta colo-
cada a nossa crítica de
arte, incapaz de denunciar
com firmeza e fundamento
tendências das mais re-
acionárias no moderno pro-
cesso artístico.

Finalmente, ao Museu de
Arte Moderna do Rio de
Janeiro cabe assumir, pe-
rante o movimento artís-
tico brasileiro, a responsa-
bilidade pela divulgação
sensacionalista e pelo ir-
restrito amparo, inclusive
financeiro, dado a essa
tendência irracional que,
por suas características, se
coloca em oposição frontal
ao desenvolvimento de
uma consciência artística
nacional que tenha como
bases o trabalho conscien-
te e a disciplina, voltada
para o progresso e o de-
senvolvimento de nosso
país.



Como qualquer um de nós, o presidente Juscelino
Kubitschek parece não compreender muito bem os hor-
rores que se apresentam diante de seus olhos, obra rea-
lizada em poucos minutos, no Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro, pelo pintor francês Georges Mathieu.

POLAROGRAFIA DEU PRÊMIO NOBEL

Texto e Fotos "ATLANTICA NEWS"

A boa nova não acabou. Na sua agradável residência
de Praga, no lado da esposa, atento ao receptor ligado para
Estocolmo, o quase setuagenerário cujas atividades científicas
em crescer com a idade, ouviu, calmamente, a voz grave do
representante da Real Academia Sueca: «Concedemos o Prê-
mio Nobel de Química a Jaroslav Heyrovsky, Diretor do Insti-
tuto Polarográfico da Academia de Ciências da Tchécoslo-
vquia». Era uma distinção internacional, além das que
já recebera em seu país: o Prêmio do Estado, em 1951, e a
Ordem da República, em 1955.

Valen-lhe o Prêmio Nobel a invenção, em 1923, da Po-
larografia, método eletrolítico de análise. Em
pouco tempo, a Polarografia generalizou-se, substituindo os
processos até então existentes, por sua simplicidade, rapi-
deza, sensibilidade e precisão. E, hoje, em todo o mundo, a
análise polarográfica é utilizada, não apenas nas pesquisas
de laboratório, mas, também, na indústria, geologia e, inclu-
sive, na medicina.

A notícia da concessão do Prêmio, difundida para todo
o mundo, alegrou sobremaneira os tchecos, que, pela primei-
ra vez, obtinham a colenda distinção. E, imediatamente,
após o comunicado da Real Academia Sueca, o vice-presi-
dente da Academia de Ciências da Tchécoslovaquia,
Václav Lauritzen, congratulava-se com o Professor Jaroslav
Heyrovsky, em nome dos cientistas daquele país centro-eu-
ropeu.

EUCLIDES EM PEQUIM



Na República Popular da China foi comemorado
neste solenidade o cinquentenário da morte do autor de
Os Serões. A iniciativa foi patrocinada pelo Comitê de
Defesa da Paz da China, pela Associação do Povo chi-
nês para Relações culturais com o estrangeiro, pela Fe-
deração chinesa de escultores e artistas e pela União
dos Escritores chineses. Presidiu a solenidade Chu-Dun-
an. Falaram vários oradores chineses e um representante
da intelectualidade brasileira, o escritor José Geraldo
Vieira. Após a solenidade foi apresentada a peça de
Guilherme Figueiredo «A Raposa e os Uvas». No mesmo
dia, a Editora de Literatura Estrangeira de Pequim lan-
çava Os Serões em tradução chinesa.

TEATRO O «MAMBEMBE»

A SOCIEDADE TEATRO DOS SETE estreou no
Teatro Municipal, com a peça de Arthur Azevedo e
José Piza O MAMBEMBE, em continuação aos feste-
jos do centenário de fundação do Teatro. De
todas as comemorações realizadas ali, com motivo
idêntico, nenhuma terá tido o significado desta, em
que se homenageou aquele que por sua combati-
tividade, idealismo e profundo sentimento naciona-
lista foi a semelhança de Alberto Nepomuceno na
música, o pioneiro na luta pela nacionalização cul-
tural e artística do país. Suas peças,
assim como as de Martins Pena, valem por
verdadeiros documentos históricos da época. A So-
ciedade Teatro dos Sete lançando-se ao arrojado
empreendimento de encenar uma peça de tão difícil
montagem, na qual se movimentam 40 perso-
nagens, demonstrou não temer obstáculos nem res-
ponsabilidades. E desembarcou esplendidamente.
O espetáculo enove, emocionante, diverso e cheio de
orgulho e corajoso daqueles que acreditam em nos-
sas possibilidades e vem acompanhando a magní-
fica evolução do nosso teatro em um sentido de au-
têntica realidade histórica e social. Do dia 12 ao
dia 23, com vespertais nos dias 14, 15, 19, 21 e 22
às 16 horas, o grupo dos 7 continuará no Teatro
Municipal, passando depois para o Copacabana.
Recomendamos aos que queiram ver o espetáculo
que a ordem de preferência enquanto esta no Mu-
nicipal, cujo palco, por suas proporções, permite
melhor visão, de conteúdo de certas cenas, como a da
Feira do Divino, no arraial, com o quiosque, igreja,
aulinhos brigando, moleques botando capoeira, ne-
gras batatas com seus taboalões, a vida de música,
jovens pares de namorados... Enfim, tudo o que
constitui o encanto dessas festas populares de on-
trotas. O trabalho de direção e os esforços de Gianni
Ratto são de tal beleza e autenticidade que custa
a crer não tenham sido criados por um brasileiro de
trezentos anos. O que prova que a sensibilidade
não conhece fronteiras e faz com que os homens
se integrem com facilidade de ambientes outros
que não os de origem, desde que estejam motivados
pela compreensão e um ideal comum. Estamos a
imaginar a maravilhoso trabalho de pesquisa a que
se entregaram Gianni Ratto, Sônia de Almeida e
Fernando Torres diretores do grupo, para chegar a
uma reconstrução tão perfeita da época. Registran-
mos também, com alegria, o fato de que todo o elenco
foi brasileiro. Isto é, sem reflexões estranhas
à nossa prosódia. Nem todos o fazem de maneira
anível, é verdade, mas esse já é outro aspecto da
difícil arte de fazer verdade. Admitemos aqui-
los de nossos atores. Dessa feita estão excluídos
Fernanda Montenegro, Graça Mogen, Labianca, Re-
nato Consorte e Waldyr Maria. Toda a elenco esteve
à altura de suas responsabilidades, destacando-se,
como é natural, os citados antes que além de fi-
lente possuíam já uma grande experiência teatral.
Queremos também, destacar o trabalho de compo-
sição de um tipo musical — o Mambembe — inter-
pretado por Waldyr Maria, porque há o tempo de
crítica concebe a esse modo a atenção que merece,
lembrando-lhe o nome para uma das premiações.
A tor de talento, boa técnica, bellissima voz e óti-
ma direção.

BEATRIZ BANDEIRA

NOTAS SOBRE LIVROS

ASTROJILDO PEFEIRA

O jovem Teodoro Géricault, mos-
queiro do Rei, acompanhava o Rei em fuga,
mas em verdade pouco lhe importava o
Rei, e menos ainda a assustada, carava-
na que seguia o trágico desfile da
covardia real; o que mais lhe importa-
va era o seu cavalo Trick, pois o cavalo
era a sua paixão de cavaleiro e de pin-
tor. Suas opiniões em assuntos políticos
e sociais eram imprecisas, superficiais,
exteriores à sua natureza de homem e de
artista. O que via e o que sabia da vida
política e social não lhe interessava nem
fazia qualquer coisa em sua sensibili-
dade, entretanto ardente, impetuosa, dra-
mática. Foi preciso que algo de inesper-
ado, algo de realmente novo, se bem
que ainda informe e fugaz como uma
chispa, lhe aparecesse diante dos olhos
e lhe penetrasse os ouvidos para que des-
pertasse dentro dele o interesse humano
por idéias e coisas até então insuspeitá-
veis: e esse algo imprevisível, que contra-
tava violentamente com o triste espetá-
culo da debandada real, foi o encontro
casual e furtivo com os conspiradores de
Poix. Aragon descreve com extrema sa-
gacidade o processo de semelhante des-
pertar da consciência política até en-
tão imatura do pintor.

Observador involuntário da conjura
encabecada pelo antigo convencional
Joubert, vendo e ouvindo a discussão dos
conjurados, em hora e lugar cheios de
mistérios, e tudo isso como estranho pa-
rentese na atribulada seqüência daquela
tragicomédia, Géricault percebeu em da-
do momento que uma coisa extraordiná-
ria se passava no mais íntimo de si mes-
mo — uma espécie de mudança profun-
da, inexplicável, que as palavras e idéias
que conseguira entender não podiam
mais justificar. «Ele sentia em si alguma
coisa como uma infiltração de som-
bras, uma simples orientação inconsci-
ente». Não chegou a dar-se conta inte-
llectualmente do que se passava, do que via,
do que ouvia, do que sentia... uma lenta
percepção que levava o seu pensamento
a deslocar-se da posição rotineira e a
assumir novos compromissos diante da
vida. E era uma vida diferente que pa-
recia começar com a palpitação que vin-
ha da miséria daqueles homens — uma
miséria que verdadeiramente ele não tí-
nha visto nunca, nem adivinhado, anali-
sada sobre destinos sem esperança.
Teodoro parecia indagar: «Onde mora-
vam esses homens, como eram as suas
mulheres, que preço monstruoso pagavam
pelo pão de que falavam com ansiedade
jamais pressentida?» Era perturbador,

um espetáculo catrôgado ao mesmo tem-
po de desespero e esperanças... A emu-
ção, sutil e profunda, o dominava, ele
sentia que tudo não passasse de um es-
petáculo, e no mais entranhado do seu
ser desejou acreditar que fosse mesmo
uma nova realidade — e para não mais
se separar daquele universo fantástico
iluminado por algumas tochas fincadas
no chão, em meio de retorcidos pinhe-
iros, no pé de uma fortaleza e de um ce-
mitério, numa volta do vale... enquanto
os Príncipes, os guarda-costas e os mos-
queteiros dormiam, não longe dali, um
sono de sombras e fadigas, como brutos
sem pensamento, sem consciência da dra-
ma verdadeiro, e os cavalos nos estábu-
los, nas cocheiras, mexiam-se docemente
sobre as palhas, estafados e resiguan-
dos...

A esta altura da narrativa, realiza-
o romancista um dos cortes mais auda-
ciosos da obra: contrariando confessa-
damente todas as regras de composição
de um romance, e de mais a mais de um
romance cuja ação transcorre um século
e meio antes, o autor aparece como tal,
inserindo de passagem duas páginas a
meia de recordações pessoais, em que nos
conta certo episódio de que participou,
numa noite de 1919, à boca de uma mina
de carvão do Sarrebruck, na Alsácia, en-
tão ocupada por tropas francesas. Não é
necessário repetir aqui o episódio, pois
queremos apenas salientar a significação
que ele teve na vida de Aragon, então
ainda bem jovem, e que do mesmo resu-
me numa frase: «Mais tarde, muito mais
tarde, eu tive a impressão de que essa
noite havia marcado pesadamente o meu
destino».

Estabelecia-se assim, de maneira im-
prevista e fora de pequenas regras con-
vencionais, a analogia psicológica de dois
episódios separados no tempo por mais
de um século — o com isso vituca-se a
traço vivo e profundo a linha de impreg-
nação revolucionária e de significação
social do romance.

O que aí poderia ser inquirido de
utilitarismo do autor, vem a ser, a meu
ver, mais que um recurso lícito da ima-
ginação criadora, uma forma consciente,
deliberada, audaciosa e bem sucedida, que
o romancista utilizou para dar à sua
obra uma caracterização ideológica mais
movimentada, fazendo-a transcender —
violentamente, é certo — os limites de
uma narrativa que corria o risco de per-
manecer como um fim em si mesma,
parada dentro do tempo e do compacto
volume em que está vasada.

40 Mil Pescadores Lutam No Mar e Na Terra Contra a Vida De Escravo

Reportagem de NILSON AZEVEDO

Cerca de 30 embarcações originárias dos mais importantes pontos do País, encostam diariamente no cais do Entrepósito de Pesca desta Capital, e despejam uma média de 20 toneladas de peixe para o consumo da população.

Esse é o resultado da ação de milhares de homens, duros e bravos, que se lançam ao mar em busca do peixe que lhes dá o pão. São os pescadores. O seu trabalho assume características de um castigo que parece não ter fim. A sua vida, passada a maior parte sobre as águas do oceano, é uma aventura constante.

Donaí Caymmi, o conhecido chefe das águas e das pedras brancas, abraça o seu trabalho e conta que, em um momento de mar, a morte pode ser, de repente, inesperada. Conta o poeta das brancas pedras: Mas a vida no mar não é doce ao contrário, e muito amarga. O pescador não tem violão. Se tem não é para o mar; se o mar não lhe sobra tempo e tem pouco para tocar. O seu trabalho é prisão.

que está espalhados pelo mar, so vai receber a refeição, geralmente depois das 5 horas da tarde. O recolhimento nos botes tem início, quase sempre, a 19 horas. Mas é um trabalho que vai longe. Muitas vezes e meia-noite o navio ainda está procurando uma embarcação desgastada. Essa lancha se repete seguidamente durante 20, até 25 dias em alto mar.

Seu modo de comunicação, utilização e de embarcações inadequadas quanto o mar se levanta, afetado pela tempestade, o pescador é levado para longe, embora lute como um gigante para não se perder. Na verdade ele não se perde. O navio pesqueiro é que é abandonado, após uma procura que não vai além de um dia e uma noite. Não é encontrado nesse período abandonado. É mais um homem morto. No navio ninguém ouve alarmar tal coisa. Apenas se diz — desapareceu um pescador — traíste basal nessas horas trabalhosas.

Mas a exploração do armador não pára aí. Todos os proprietários de barco de pesca descontam nos seus empregados as cotas do IAPM. A maioria deles, em entanto, não recolhe essas contribuições aos cofres do Instituto. O pescador paga mais cotas, a dele e a do patrão, e ainda fica sem direito aos benefícios da instituição de previdência, porque o empregador se apropria do seu dinheiro e não paga ao IAPM. Mas não é apenas isso. Em geral, cada navio leva 30% da tripulação ilegal. Mesma mes os ilegais são descontadas as contribuições que o IAPM nunca vê.

O armador tira de todos os pescadores uma cota mensal para o pagamento das férias anuais. Mas entra não é set ano sem que o homem do mar saiba o que seja um descanso remunerado.

O armador não tem nenhuma obrigação com seus empregados. Quando o navio vai para o estaleiro por a conserto a sua tripulação e os pescadores ficam como desempregados. Sem fonte de renda. Sem receber um tostão. Enquanto isso o pescador aguarda na terra no cais. Mas não é a sua revolta quanto o navio reaparece, já consertado mas com tripulação nova e novos pescadores.

A Comissão do Povo e a Delegação do Trabalho Marítimo permitem e estimulam o trabalho e a violação dos direitos dos trabalhadores do mar. Não precisam nada. O armador de navio pequeno, tubarão de terra, rouba e corrumpo impunemente.

termediários. Alguns o vendem diretamente no mercado local. Os outros não possuem nenhuma oficina. Vivem a margem de todas as leis sociais e trabalhistas.

Todos eles vivem com o mesmo nível de vida — o nível do trabalhador de classe média. Simão do Rio, Distrito Federal, lembra a forma formidável e os honores do mar lutam por torná-las vitoriosas. Um dos seus objetivos é a fundação de cooperativas no Estado do Rio, Distrito Federal e Espírito Santo. Eliminando o intermediário, vendendo diretamente ao consumidor, as cooperativas contribuirão para a baixa do preço do peixe e para uma melhor remuneração do pescador.

Atualmente são os leiloeiros e precositos que atuam no Entrepósito em comum acordo com o armador, quem compra o produto pescado, por preço reduzido, e revende-o com elevação de 100 até mil por cento. Uma onza de sardinha — apenas um exemplo quanto a entrega no Entrepósito por 2 cruzeiros, vai chegar às mãos do consumidor por 24 cruzeiros. São os tubarões da terra roubando o povo e os pescadores.

O estabelecimento do contrato coletivo de trabalho e o principal instrumento dos pescadores. Até agora o armador não tem nenhuma obrigação nenhuma satisfatória. Peceiros não goza férias, não tem horário de trabalho, não recebe horas extras, não tem a vida segura, não tem direito a aposentadoria, não tem a sua revolta quanto o navio reaparece, já consertado mas com tripulação nova e novos pescadores.

A JORNADA

A jornada de trabalho do pescador de alto mar não tem limites. A 4 horas da manhã o sino do navio o desperta. Ele se levanta do seu beliche, toma banho, sem calção, sem camisa — muitas vezes sem calção — e vai para o trabalho com o pescador. A 4h30 começa o trabalho com o pescador. O trabalho dura 20 horas. A 4h30 começa o trabalho com o pescador. O trabalho dura 20 horas. A 4h30 começa o trabalho com o pescador. O trabalho dura 20 horas.

EXPLORAÇÃO

A vida de sacrifício durante longa dia, no mar não tem compensação para o pescador. O fruto do seu trabalho lhe é roubado. Os seus direitos, assegurados pelo Código de Trabalho, são burilados impunemente pelos armadores.

O produto da pesca é dividido pela tripulação do navio, entre os pescadores, o capitão, o navegador, o cozinheiro, o almotacés, etc. O dono da embarcação fica com a metade do que se chama "bolo pescado". E o seu lucro líquido. A outra metade é dividida com o mestre, 5 partes; o motorista, 5 partes; a máquina, 5 partes; o cozinheiro e o gelador, duas partes, cada um; e finalmente o pescador que fica com uma parte.

O produto de divisão do pescado leva à que o armador possa ganhar alguma viagem 300 ou 500 mil cruzeiros, enquanto o pescador, que enfrenta todos os riscos, não vai além de 6 ou 7 mil cruzeiros.

A LUTA

40 mil pescadores vivem no litoral do Estado do Rio, Espírito Santo e Distrito Federal. A maioria deles é constituída por chamadas "prata-ros". Estes são os mais explorados. Espalhados por toda essa imensa região, eles se lançam ao mar sozinho, em busca do peixe. O produto do seu trabalho é entregue a intermediários.

COM O APOLO DO POVO

O Maranhão viveu dias de entusiasmo com a realização do I Congresso dos Trabalhadores do Estado, nos dias 13, 14 e 15 do corrente. Esse acontecimento despertou a atenção dos poderes legislativo e executivo, tendo as suas sessões se efetuado na Câmara Municipal de São Luiz, Capital do Estado.

Compareceram ao convênio todas as organizações sindicais e dos trabalhadores agrícolas e camponeses. Não faltou no Congresso a presença das velhas organizações beneficentes, a algumas com mais de 50 anos de existência, como a União Artística e Operária Casimiro. O plenário se compôs de representantes de 29 sindicatos, 30 associações, 10 uniões e 5 centros. Trinta por cento dessas entidades eram de trabalhadores do campo.

O ato solene de instalação foi realizado por todo o Estado, e constituiu uma afirmação de fe nacionalista da classe trabalhadora do Maranhão. Presidência do Congresso o deputado estadual Vera Cruz Marques, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio. Tomaram parte a ele a no ato de instalação os representantes do governador da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal de São Luiz, o delegado regional de Trabalho, D. Antônio Fagundes, Bispo Auxiliar de Alencar Albuquerque, Procurador da República, representantes do Associação dos Trabalhadores e Industriais e representantes do IAPM e os sr. Raimundo Lopes Gondim, presidente do SBT Fluminense, e o sr. Roberto Almeida, representante do CBO do Distrito Federal.

A BATALHA DOS SALÁRIOS

Entendimentos com as autoridades e a administração da empresa, visando ao rápido atendimento das reivindicações dos ferroviários.

HOTELEIROS VÃO À JUSTIÇA

Os trabalhadores em Hotéis e similares desta Capital continuam reivindicando um aumento salarial na base de 60% sobre os vencimentos atuais. O Sindicato apelou para a Justiça do Trabalho, uma vez que a entidade patronal negou-se a entrar em entendimentos com os representantes dos empregados.

VITORIOSOS OS AERONAUTAS

Após uma campanha que durou longos anos, conseguiram os aeronautas a regularização da sua profissão, através de uma portaria interministerial. Embora o novo instrumento não corresponda plenamente ao desejo dos trabalhadores, ele constitui, entretanto, uma das maiores vitórias da categoria, que agora entrará com mais vigor na batalha por aumento de salários.

FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA QUEREM 40% DE AUMENTO

Em grande assembleia realizada no noite do dia 16, na sede do Sindicato, os ferroviários da Leopoldina estabeleceram um prazo de 30 dias para que o Governo atenda as suas reivindicações, entre as quais se encontram: 1) aumento salarial médio de 40%; 2) pagamento do salário mínimo de 6 mil cruzeiros aos funcionários lotados no interior; 3) redução nas escalas de serviço; 4) admissão imediata dos candidatos praticantes; 5) pagamento de adicional de 20% sobre o trabalho noturno, conforme decisão do TST; 6) cumprimento da decisão do TST que declarou ilegal a interrupção do trabalho; 7) imediata efetivação dos trabalhadores provisórios.

A assembleia elegeu uma comissão de trabalhadores que, juntamente com a Diretoria do Sindicato, deverá entrar em

ENCERRAMENTO SOLENE

para dirigir e coordenar a ação dos trabalhadores e das entidades sindicais do Município, e elegeu uma Comissão Permanente que, entre outras tarefas, tem a de organizar o Conselho Sindical do Estado do Maranhão.

No momento de encerramento do Congresso, o presidente da Comissão Permanente, o deputado estadual Vera Cruz Marques, fez um discurso de agradecimento aos participantes e prometeu a realização do Congresso de 1960.

DESEMPREGO! EXPLORAÇÃO

Tramita o Congresso foi posto a situação atual de milhares de trabalhadores do Estado. Caxias, o principal município industrial do Maranhão, vem sofrendo há mais de um mês de uma situação de desemprego que afeta milhares de pessoas.

LEGISLAÇÃO SOCIAL

A aplicação de leis sociais e trabalhistas é um ponto importante do Congresso. Não há fiscalização. As leis são burradas. Decidem-se novas leis de Conselhos e Julgamento para vários municípios. Os organismos sindicais resolveram dar o maior apoio aos trabalhadores do campo que estão completamente desempregados.

APÓIO A II CONFERÊNCIA SINDICAL NACIONAL

Subsídios aprovados a título de uma delegação de trabalhadores a II Conferência Sindical Nacional para o período de 1959-1960.



Depois de permanecer quase trinta dias em alto mar, sofrendo todas as privações e enfrentando todos os perigos, o pescador descarrega no cais da Praça 15 o produto do seu trabalho.

pescadores têm pelo contrato coletivo de trabalho na regularização a sua situação.

O Sindicato dirigido por Marcelino Costa, luta ainda pela participação no estudo para a reforma do Código de Pesca, participação no Conselho Administrativo da CAP, enquadramento nas Condições de Pesca, na legislação sindical e outras reivindicações.

O homem do mar o obtido e valente herói no oceano, lembrado sempre pela

QUEREM VITÓRIA NA LUTA

O empresário que quer a vitória na luta... (text continues with a call to action for workers)

Trabalhadores em Tinturarias Querem Aumento

Os trabalhadores em tinturarias desta Capital continuam reivindicando um aumento salarial na base de 60% sobre os vencimentos atuais. O Sindicato apelou para a Justiça do Trabalho, uma vez que a entidade patronal negou-se a entrar em entendimentos com os representantes dos empregados.

Das Palavras à Ação

ROBERTO MOREIRA

Hoje em todo o país uma luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores.

A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores.

A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores. A luta por uma melhor situação dos trabalhadores.

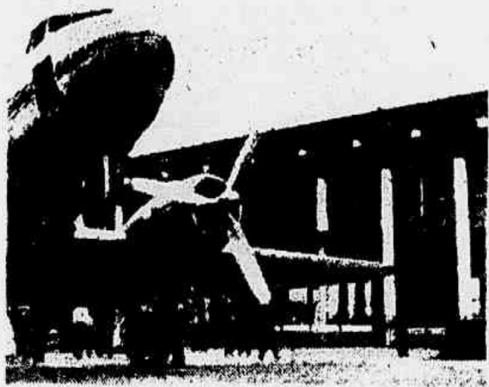
AERONAUTAS INSISTEM

CRISE TEM SAÍDA: MONOPÓLIO ESTATAL

Monopólio privado ou monopólio estatal — eis o dilema que se abre diante da aviação comercial brasileira. Mais cedo ou mais tarde, um desses dois rumos será tomado. Ao manifestar tal ponto-de-vista, os aeronautas exprimem também sua escolha: o monopólio estatal, mediante a criação da "Aerobras".

Essa opinião oficial dos homens que dirigem e mantêm as aeronaves comerciais brasileiras foi mais uma vez manifestada em recente conferência pronunciada no Instituto Superior de Estudos Brasileiros pelos aeronautas Paulo de Melo Bastos e Ivan Alkmim, em nome do Sindicato Nacional dos Aeronautas. A conferência constituiu um novo e apreciável esclarecimento no debate do importante problema que atrai a atenção da opinião pública nacional.

Desenvolvimento impetuoso, mas anárquico da aviação comercial no Brasil. Como 32 empresas reduziram-se a uma meia-dúzia — A tendência para o monopólio estatal é mundial — Raízes da crise e a solução apontada — A palavra oficial dos aeronautas.



Entre 1938 e 1955, a quilometragem voada no Brasil aumentou de 22 vezes. Esse crescimento, particularmente acentuado depois da segunda guerra mundial, foi entravado anárquico e desorganizado. Resultado: a crise em que hoje se debate a aviação comercial brasileira e cuja saída é a criação da Aerobras, conforme defendem os aeronautas.

TRINTA ANOS DE AVIAÇÃO

Intencionalmente, foi feito um breve histórico da aviação comercial no Brasil, a primeira explorada apenas por empresas estrangeiras, o que se deu há pouco mais de três décadas. Anos depois, surgiu a primeira companhia genuinamente nacional, a NAB, cabendo, ainda, ao Correio Aéreo Militar um papel proeminente no desbravamento aéreo do país.

O rápido surto de progresso da aviação no Brasil ocorreu, porém, depois da Segunda Guerra Mundial, em face da presença de duas condições principais: a existência de grandes excedentes americanos no campo da indústria aeronáutica e o apreciável acúmulo de dólares pelo Brasil, durante a guerra, resultante dos elevados saldos na balança comercial. Tornaram-se possível, ainda, esse surto a iniciativa privada e o amplo apoio recebido por esta do governo, através de subsídios, regime de favor para os importadores, concessão considerável no terreno da infraestrutura, etc.

DESENVOLVIMENTO ANÁRQUICO

Na mesma medida, porém, em que foi impetuoso, retrocedeu de um caráter profundamente anárquico o desenvolvimento da nossa aviação após a Segunda Guerra Mundial. Dizem os conferencistas: "Publicaram notas empíricas de aviação, muitas das quais sem o mínimo de base técnica e técnica indispensável, fruto apenas da investida avarentosa nas economias murgas do povo. De 1945 a 1955 foram expedidas autorizações oficiais para o funcionamento de 85 empresas de aviação comercial. Em certo momento, chegaram a existir 32 companhias em operação".

Essa extrema dispersão, entretanto, não poderia durar muito. "Como resultado da feroz guerra de concorrência, em que as grandes empresas foram derrotando quase todas as pequenas, enquanto as mais fortes continuavam a ameaçar as mais fracas, restaram, atualmente, com toda razão, o quadro de nossa aviação comercial como conjunto de meia dúzia de potentes empresas ou consórcios privados, que monopolizam o transporte aéreo no interior do país e estendem suas linhas a vários países da América Latina, aos Es-

tados Unidos, à Europa e ao Oriente Médio".

TENDENCIA MUNDIAL PARA O MONOPOLIO ESTATAL

Muito seguida, a tendência caracterizada na situação internacional da aviação comercial, reportando-se aos países ao trabalho de um estudioso do problema, o professor Procopio Cavallo. Segundo o mencionado trabalho, o esforço para reduzir a dependência de transporte aéreo é bastante por quilômetro quadrado, designando-se como "espaço possível" aquele país onde o número de habitantes por quilômetro quadrado e tempo que um dia não desse critério, possuem vantagens semelhantes às do Brasil, países como a Argentina, a URSS, a Austrália, o Canadá, a Índia e a República Popular da China. Em face da natureza altamente especializada do transporte aéreo, todas as nações em contato com umas e outras, Brasil e Austrália, adotam em primeiro as seguintes normas: 1. controle governamental das atividades do transporte, com caráter rígido nas linhas regulares; 2. produção de livre concorrência nas linhas domésticas e limitado monopólio e 3. monopólio na realização de conexões nas linhas internacionais.

Adotando essas principais posições dos conferencistas — o tráfego regular e monopólio estatal ou de empresas mistas na Espanha, Itália, Inglaterra, Holanda, na União Soviética, França, URSS, República Popular da China,

Noruega, Suécia, Bélgica, Argentina, Israel, Egito, etc. Na Alemanha, Índia, Turquia e Colômbia as companhias são nacionais — baseando-se pequenas empresas que operam em nichos locais de áreas.

Dessa maneira, a tendência mundial no que se refere ao transporte aéreo — mesmo naqueles países que são os maiores detentores da indústria privada — é no sentido de sua centralização no seu controle pelo Estado. Nos Estados Unidos, inclusive geralmente outros países, como Inglaterra e Alemanha, operam, mostrando-se conferencistas que a tendência é a nacionalização das linhas principais e subseqüente potencialidade de 3 por cento nas internacionais, chega a 10 por cento nas linhas locais, sobe a 44 por cento e atinge a 70 por cento nas linhas servidas por helicópteros. Em 1958 a subordinação direta do governo às companhias domésticas atingiu 18 milhões de passageiros.

COMO SURTIU E SE DESENVOLVEU A CRISE

Os aeronautas do Paraná tiveram a crise da aviação comercial, paterna da existência de uma falta de orientação geral e política de aeronáutica civil do país, de ausência de uma política aérea, restritiva de atividades privadas por parte do governo. O Ministério da Aeronáutica não instituiu no assunto, na que não existe um Ministério dos Transportes, mostrou-se sempre demas e, portanto, relativamente as empresas, colacionando-se ao de regra, ao sabor de seus interesses.

Em consequência, dessa ausência de orientação, o equilíbrio relativo à oferta e

demanda de assentos e transporte de cargas nos avios brasileiros foi basicamente queimado — preponderando fortemente a oferta —, quando, comercialmente, a compra de quadros aéreos com velocidade superior a 400 quilômetros por hora (Constellation, Convair etc.)

REFORMA CAMBIAL

Também as sucessivas alterações cambiais realizadas por exigência do Fundo Monetário Internacional e segundo o programa de estabilização monetária, influíram direta e imediatamente para o agravamento da crise. "Os sucessivos aumentos do custo de câmbio para compra de material de troca, levaram as empresas detentoras de tabelas-quantias em dólares aos fornecedores e financiadores norte-americanos a pedir e a obter das autoridades aumentos de tarifas que redundaram em tarifas maiores ainda na passagem do transporte aéreo". Os conferencistas afirmam, também, o aumento vertiginoso do custo de vida nos últimos tempos a baixa produção de transporte aéreo, o custo que também decorre da política econômico-financeira do governo.

JATO COMPLICA A CRISE

Cooperaram também os aeronautas que a era do jato e do turbo-hélice é um novo elemento de complicação da crise. Denunciam eles que devido da mesma natureza de um imperativo, "uma das empresas necessitou, com efeito, alocar recursos para a fabricação, enquanto as três companhias que operam em linhas internacionais não se ocuparam no plano de assumir compromissos de compra dos mais variados tipos de avião: a Jet-Boeing 770, Convair 440, Douglas DC-8, todos norte-americanos, e o Caravelle, francês".

Se com os atuais avios as linhas cobradas aos passageiros, a crise já é pior, que não sucederia se se generalizasse o uso de avios que não exijam investimentos de 20 milhões de dólares".

DESEMPREGO EM MASSA

Uma das consequências da desorganização da nossa aviação comercial — insistem os aeronautas — é o desemprego massivo que começa a estalar-se em comunidades, pilares, meios de vida, radiotelegrafistas e radiotelegrafistas e radiotelegrafistas de bordo e que pesa como uma nuvem sobre milhares de famílias. Ao mesmo tempo em que se dignaram publicamente as notícias das empresas apressaram-se em lançar sobre os custos dos trabalhadores e suas famílias, as consequências da crise, denunciando-se

SOLUÇÃO A AEROBRAZ

Considerando, os aeronautas que a solução para a crise só poderá ser encontrada, em profundidade, com a criação da Aerobras. Esta há de ser a solução definitiva e geral. Entretanto, como tão profunda medida requer longa e metódica preparação, os perigosos surgem uma série de providências imediatas de que há de ser uma segunda nota.

Vender Café Ao Mundo Todo

Apoio das Associações Rurais do Norte do Paraná ao restabelecimento de relações com a URSS

As Associações Rurais do Norte do Paraná, em assembleia recentemente realizada em Londrina, aprovaram uma resolução de apoio ao Governo por sua iniciativa no sentido de estabelecer relações comerciais intensas com os países socialistas, exigindo, ao mesmo tempo, que medidas concretas sejam tomadas neste sentido. Defendem as associações rurais a troca de café por produtos e instalações industriais destinadas a promover o desenvolvimento e a industrialização do país, considerando o fato de que essas transações com os países socialistas, ao mesmo tempo que não afetam nossa situação cambial, constituem uma solução positiva para o problema das excedentes exportáveis de café brasileiro.

A resolução, cuja íntegra publicamos a seguir, foi objeto de moção, unanimemente aprovada pela Câmara Municipal de Ponta Grossa, que rebela a argumentação dos agricultores ao observar que o abandono da política de restrição comercial "seria de grande valia para nossa Pátria, porquanto essa política de isolacionismo que vem sendo seguida até aqui, longe de nos haver trazido benefícios, ela apenas serviu para nos manter neste estado de dependência ao imperialismo de países que, industrial, econômica e financeiramente, vem auferindo proveitos com o nosso atraso e subdesenvolvimento, impondo preços aos nossos produtos de exportação, como o café, que representa mais da metade do peso de nossa balança comercial, e nos sujeitando a aquisição de seus produtos manufaturados e financiamentos, através dos quais mantem o nosso país como verdadeira semicolônia".

MEMORIAL

É o seguinte o texto do Memorial: "As Associações Rurais do Norte do Paraná, apoiadas pela quase totalidade das entidades de classe da região e do Estado, reunidas em grande assembleia na cidade de Londrina, a 25 do corrente, considerando a absoluta necessidade de encontrar-se uma fórmula para o escoamento dos estoques remanescentes de café e das salsas presentes e futuras,

considerando não ser possível substituir "ex abrupto" as lavouras de café por outras culturas exportáveis, nem substituir a receita cambial do café por outras de diversa natureza;

considerando, por isso mesmo, ser imprescindível amparar a lavoura existente, proporcionando-lhe preços compensadores através da equilibrada colocação das salsas nos mercados consumidores;

considerando não ser possível incrementar-se violentamente o consumo de café nos países tradicionalmente compradores do produto;

considerando que os países compradores do "Mercado Comum Europeu" não oferecem possibilidades de penetração mais intensa para o café brasileiro;

considerando ser o Brasil país de grandes possibilidades industriais porém carente de capitais monetários e que não podem ser obtidos facilmente nos mercados financeiros tradicionais, face a atual conjuntura política do mundo, sem riscos para a soberania nacional;

considerando o surto de desenvolvimento econômico por que passa o país que o torna excelente mercado para os países fornecedores de instalações para

a indústria pesada de todos os tipos, países esses, entre os quais se situam aqueles cujas moedas, sem grande colação nos mercados cambiais, permitem operações de troca "in natura";

considerando que a crise no café não se caracteriza pela super-produção, mas pelo subconsumo mundial da rubrica;

considerando que o Acordo Mundial do Café fixou a quota de 17.410.000 sacas de café para colocação do produto brasileiro nos mercados tidos como tradicionais, o que nos assegura a exportação desse total para tais mercados, sem maiores preocupações;

considerando, mais, que os países do Leste europeu e do Sudoeste da Ásia podem ser transformados em excelentes mercados para o café brasileiro, em troca de matérias-primas, gêneros alimentícios, instalações industriais e produtos industrializados de que necessitam para a criação de uma agricultura de subsistência em padrões nacionais e técnicos e a estruturação de um parque industrial pesado verdadeiramente nacional;

considerando, finalmente, que os remanescentes das salsas anteriores, acrescidos do que restar da presente, ultrapassarão a casa dos 20 milhões de sacas, resolve indicar ao Excm. Sr. Presidente da República:

I — Envio de missões comerciais aos diversos países do mundo, capazes de consumir café, desde que os negócios propostos não prejudiquem os interesses nacionais, principalmente os do Centro e do Leste europeu e do Leste da Ásia, para promoverem a colocação dos excedentes de café brasileiro nesses mercados, seja através da venda direta, seja por meio de trocas "in natura", por matérias-primas indispensáveis às nossas indústrias de base, maquinaria e implementos agrícolas, elementos necessários à alimentação, correção e recuperação dos solos, e instalações industriais para a formação de um parque industrial pesado verdadeiramente nacional;

II — Participação obrigatória e com absoluta autonomia do Presidente do IBC, Sr. Renato Costa Lima, nessas missões, além de representantes dos diversos Estados carentes, escolhidos entre integrantes da Junta Administrativa do IBC, dentre os eleitos pela lavoura cafeeira;

III — Criação de novos entrepostos de café no exterior, principalmente no Leste da Ásia, no norte da Europa Central e no Oriente-Médio, para suprirem os mercados locais, recomprarem artigos a abrir novos mercados, através de acion semelhante a desenvolvida pelo entreposto de Trieste;

IV — Fomento à indústria de café solível em todas as regiões cafeeiras do país, preferencialmente através de entidades de classe da lavoura ou de cooperativas de cafeicultores, a fim de tornar o produto mais maneável no que diz respeito ao preço e ao transporte internacional e mais penetrante sua difusão nos novos mercados a conquistar;

V — Estudar uma fórmula para reduzir ou eliminar os direitos aduaneiros que pesam sobre o café no exterior, a fim de que não seja dificultada ou impedida a entrada de café brasileiro nos países consumidores ou que venham a se tornar nossos clientes, conforme estudos que já estão sendo feitos pelo IBC,

NOTA ECONÔMICA

SABOTAGEM OFICIAL NO COMÉRCIO COM O LESTE

O comércio com os países socialistas, em hora venha se incrementando nos últimos anos, ainda sofre embargos e obstáculos diversos por parte do Governo. Como se sabe, esse comércio é feito pelo sistema de trocas diretas de mercadorias. A maioria de dólares que entra, do mesmo modo que ao Brasil, a um grande número de países, levou à organização desse tipo de comércio internacional, pois que por meio dele se elimina a exigência de pagamento em dólar, que o debate a última guerra, a moeda que exerce o papel de meio no comércio internacional. Dois países se limitam a abastecer suas contas passivas, de um lado, pelo envio de ouro, e de outro, pela venda de metais preciosos, sendo as exportações e importações contabilizadas pelo, em valor, sigiloso em dólares, até que os créditos respectivamente abertos a favor e a zero. Realiza-se um ajuste de contas bilateral, em que o dólar entra apenas como moeda, contábil — o chamado dólar-convenção — e não efetivamente como meio de pagamento.

A supressão do pagamento em dólares possibilitou o incremento do comércio brasileiro tanto com os países socialistas como com grande número de países da América Latina, da Ásia e da África; em outras palavras, com a imensa área dos países cuja moeda não pode ser diretamente convertida em mercadorias ou outras moedas, ou seja, é inconvertível. Entretanto,

paralelamente à instauração do comércio em moeda-convenção, o governo, por pressão dos setores ligados ao comércio com os Estados Unidos e Inglaterra, e, principalmente, dos próprios governos destes países, cria dificuldades ao incremento desse tipo de comércio, sobretudo quando se trata de fixar o valor em créditos da moeda-convenção.

De que a aprovação da Lei de Tarifas em 1957, a Superintendência da Moeda e do Crédito tem fixando o valor em créditos do dólar-convenção na forma de uma porcentagem próxima de 100% do valor médio em créditos do dólar norte-americano. Tal sistema de cálculo, porém, não se justifica. O dólar norte-americano não tem se escasso em razão da queda de receitas de divisas resultante das nossas exportações e da procura orientada fundamentalmente para a área de moeda forte. Quase toda a nossa receita em dólares se destina a comprar missões — pagamentos de importações, juros e parcelas de empréstimos, lucros de empresas estrangeiras — nos Estados Unidos). Tornan-

dose escasso, o dólar norte-americano encarece e em sua elevação, arrasta consigo as moedas-convenção, apesar de estas não serem fixadas.

Muito ao contrário, nas licitações de câmbio, há sobras permanentes de dólares-convenção. De janeiro a maio do corrente ano, foram distribuídos nas bolsas de valores do país dólares norte-americanos, nas categorias geral e especial, no montante de 84 milhões de dólares, total este inteiramente licitado; no entanto, do total de 77 milhões de dólares-convenção distribuídos nas duas categorias, no mesmo período, foram licitados apenas 34 milhões, isto é, foi absorvida somente metade da oferta. Ora, sendo as moedas-convenção superabundantes, não há razão para que o Governo fixe o seu valor ao do dólar americano, encarecendo-as na mesma proporção em que encarece o dólar, a não ser — como é o caso — que a razão se prenda ao objetivo de manter nossas compras externas orientadas para os nossos for-

neceiros tradicionais: Estados Unidos e Europa Ocidental.

É preciso lembrar, também, que as moedas-convenção, sem levar em conta o problema do seu valor em créditos, já tem uma procura menor porque o importador prefere, via de regra, os produtos dos mercados tradicionais. Se o importador deve pagar o mesmo preço por um tractor tchecoslovaco e um norte-americano, ele preferirá este último. Já houve casos em que abriu uma concorrência para fornecimento de determinado tipo de maquinaria, as firmas polonesas e tcheco-slovacas preferiram para o exportador americano, apesar de terem oferecido suas máquinas a um preço inferior em 5% ao preço do concorrente vencedor. Enquanto não existir uma corrente de comércio solidamente estabelecida, haverá, por exemplo, o temor de uma intervenção brusca, por um acirramento da guerra fria, no suprimento de peças para as máquinas importadas dos novos mercados. Mas essas resistências diminuíam à medida que os novos produtos firmem tradição.

A mudança no sistema de fixação do ágio mínimo, ou seja, do valor da moeda-convenção, é, portanto, medida fundamental para o desenvolvimento do comércio brasileiro com os países socialistas e, consequentemente, para o saneamento do balanço de pagamentos do País.

R.A.

O 15º Aniversário Da República Popular Da Albânia

A Albânia completará no próximo dia 29 de novembro 15 anos de sua libertação do jugo fascista e da proclamação da República Popular. Para as festas comemorativas da data, há foram escolhidas personalidades de diversos países.

Desde se conhece no Brasil hábe o que se passou e passa na Albânia. Os compêndios escolares tratam de sua História muito superficialmente, além de estarem bem desatualizados.

Sendo o menor país da área socialista, em território e população, nem por isso a Albânia deixou de progredir, acompanhando o desenvolvimento das demais Repúblicas Populares. O primeiro plano quinquenal, concluído em 1955, transformou rapidamente a sua economia de país agrário subdesenvolvido, surgindo uma nação agrário-industrial.

O êxito histórico-econômico abaixo é uma homenagem da Associação de Intercâmbio

Cultural Brasil-Albânia ao povo albanês no transcurso do 15º aniversário de sua Revolução Libertadora.

A VELHA ALBANIA

A Albânia é um dos maiores agrupamentos humanos na Europa. Os ancestrais dos albaneses foram os ilírios, que habitavam aquelas paragens por volta do séc. X antes da nossa era.

As diferentes tribos que formavam a antiga Ilíria, atingiram, com o decorrer dos séculos, um alto nível cultural e econômico.

Escravos feitos nas antigas cidades de Amantia e Fílixa, fundadas pelos gregos e batizadas pelo Afriático, receberam tesouros de grande valor histórico e artístico. Templos e teatros ricamente decorados, estátuas que pontam contra milhares de espetadores, ginásios de cultura física, bibliotecas e monumentos, atestam a superior civilização que sob a influência da cultura helênica — a mais avançada e sólida da época — já existiu.

Devido a sua situação geográfica, a Albânia foi, no antiquidade, uma encruzilhada do mundo. Por isso mesmo, foi também palco de guerras entre as grandes potências de então e, como não podia deixar de ser, essas guerras ocasionaram a ruína econômica e cultural de seu povo.

A ocupação turca, que se prolongou por 5 séculos (do XV ao começo do século XX), entre outras, a mais nefasta, pois, quando os invasores foram expulsos em 1912, da antiga e florescente região restava apenas o mais atrasado país da Europa. Grande parte dos valores materiais da cultura albanesa foi pilhada pelos invasores, por arqueólogos estrangeiros ou, simplesmente, vendidos por aventureiros que, num passado mais recente, se apossaram do poder.

Depois de conquistada a independência — em novembro de 1912, notadamente durante o período 1920-1924, o movimento cultural ganhou um conteúdo intrinsecamente democrático, antifascista e antituperculista sob a influência da "Grande Revolução Socialista de Outubro".

Durante o período monarchico do rei ZOG (1924-1938), o movimento cultural, sob a direção dos comunistas e de outros elementos progressistas, sustentou uma luta tenaz contra os fascistas e reacionários, difundindo através de organizações culturais, as novas ideias socialistas que, depois,

HONORIO PEÇANHA

Mac, nem tudo se acabou ou destruído. Leteiras e edifícios, objetos de prata, esculturas em mármore e madeira, feitos finamente bordados que honram a maestria dos artesãos e arquitetos albaneses da Antiguidade, foram salvos e conservados até os nossos dias.

A Albânia conta, apesar da dependência havida, com oito cidades consideradas "monumentos históricos", sete fortalezas, sedes de centro e quinze igrejas, mosteiros e mesquitas de considerável valor artístico e histórico, sem contar um grande número de habitações características.

Essas riquezas arqueológicas, heranças do passado, são testemunhas do gênio criador do povo albanês, além de ser uma notável contribuição à cultura mundial.

Durante a "Renascença", que na Albânia só teve lugar no século XIX, o movimento cultural teve um grande desenvolvimento. Lutando, ainda, contra os invasores turcos, pela independência nacional, esse movimento foi, por isso mesmo, caracterizado pela conservação da língua albanesa pela abertura de escolas, pela preservação da herança cultural, ameaçada de extinção pelos turcos e pela formação, então, de uma mentalidade nacionalista.

Depois de conquistada a independência — em novembro de 1912, notadamente durante o período 1920-1924, o movimento cultural ganhou um conteúdo intrinsecamente democrático, antifascista e antituperculista sob a influência da "Grande Revolução Socialista de Outubro".

Durante o período monarchico do rei ZOG (1924-1938), o movimento cultural, sob a direção dos comunistas e de outros elementos progressistas, sustentou uma luta tenaz contra os fascistas e reacionários, difundindo através de organizações culturais, as novas ideias socialistas que, depois,

foram feitos da Albânia, de um país feudal e atrasado, uma nação agrário-industrial, democrática e progressista, em poucos anos.

A NOVA ALBANIA

A Albânia abrange uma superfície de 28.748 km², e sua população, em 1957, somava 1.462.000 habitantes. A densidade da população era em 1955, de 48 habitantes por km². Tirana é a capital, havendo outras grandes cidades, como: Elbasan e Durrës, que é um grande porto de mar. O maior rio da Albânia é o Drin — mede 281 km de comprimento. O ponto culminante é o monte Darrsh, que atinge a 2751 metros de altitude. O perímetro da Albânia mede 1.204 Km. — dos quais 476 fazem fronteira com a Iugoslávia, 256 com a Grécia e 472 do litoral do mar Adriático.

O "Anuário" da República Popular da Albânia, que é uma preciosa fonte de informações, contém extras significativas sobre a Albânia de hoje e dele extraímos os dados que se seguem.

Sobre a industrialização realizada no país, há a referência publicada em 1958 a produção global de superior a de 1938 perto de 18 vezes, ou seja, 1.878%. Os dados estatísticos detalhados demonstram o desenvolvimento, considerável alcançado e, por isso, é possível avaliar, também, os índices baixíssimos da indústria albanesa antes da Revolução de 29 de Novembro.

A industrialização socialista de um país onde, praticamente, não havia indústria, foi, pois, um feito heróico do povo albanês, sabidamente dirigido pelo Partido do Trabalho da Albânia e auxiliado generosamente pela União Soviética.

O quadro abaixo exemplifica, através dos números, o progresso realizado.

Produto de maior importância	Unidade de medida	1950	1958
Energia elétrica produzida	Milhares de KWH	9.315	124.956
Petróleo bruto produzido	Toneladas	304.116	489.765
Gasolina	"	242.483	292.733
Óleo	"	3.758	293.733
Margal de Cômbe	"	7.000	167.900
Margal de Cômbe	"	"	22.971
Carvão "Blister" na H. ex. prod.	M3	3.168	124.530
Cimento	Toneladas	"	29.893
Algodão	"	"	4.773
Teófilos de algodão	Milhões de M.	158	19.279
Filho	Toneladas	12.113	83.497
Colchão	Milhões de metros	723	1.185

A cidade de Tirana faz parte da região mais industrializada do país, contribuindo com 20,7% na produção total.

Os maiores índices de desenvolvimento, na agricultura, mostram também o quanto os meios avançados de desenvolvimento, como a irrigação, a mecanização, a utilização de máquinas, a utilização de fertilizantes químicos, a utilização de pesticidas e de inseticidas modernos de origem química, etc., etc., etc.

A produção agrícola em 1957, segundo "Anuário" periódico "Cooperativo Agrícola", atingiu uma superprodução equivalente a 20.183 toneladas.

Antes da nossa independência, a produção agrícola, em 1947-1948, foi de 1.000.000 toneladas, e a produção, em 1957-1958, foi de 2.000.000 toneladas, ou seja, o dobro.

Em 1957, o transporte de passageiros foi de 22.655.000 passageiros.

Os transportes e meios de comunicação ocupam grande parte do "Anuário".

O aumento incessante dos produtos agrícolas e industriais, assim como o progresso geral, estão a proporcionar ao povo albanês um nível de vida muito mais elevado e a possibilidade de desenvolver a cultura e o bem-estar.

Em 1957, o transporte de passageiros foi de 22.655.000 passageiros, o que representa um total de 6 milhões e 200 mil toneladas de mercadorias.

Outro índice importante se refere à elevação do nível de vida na população.

Em 1957 a receita do Estado foi 95% superior a de 1950.

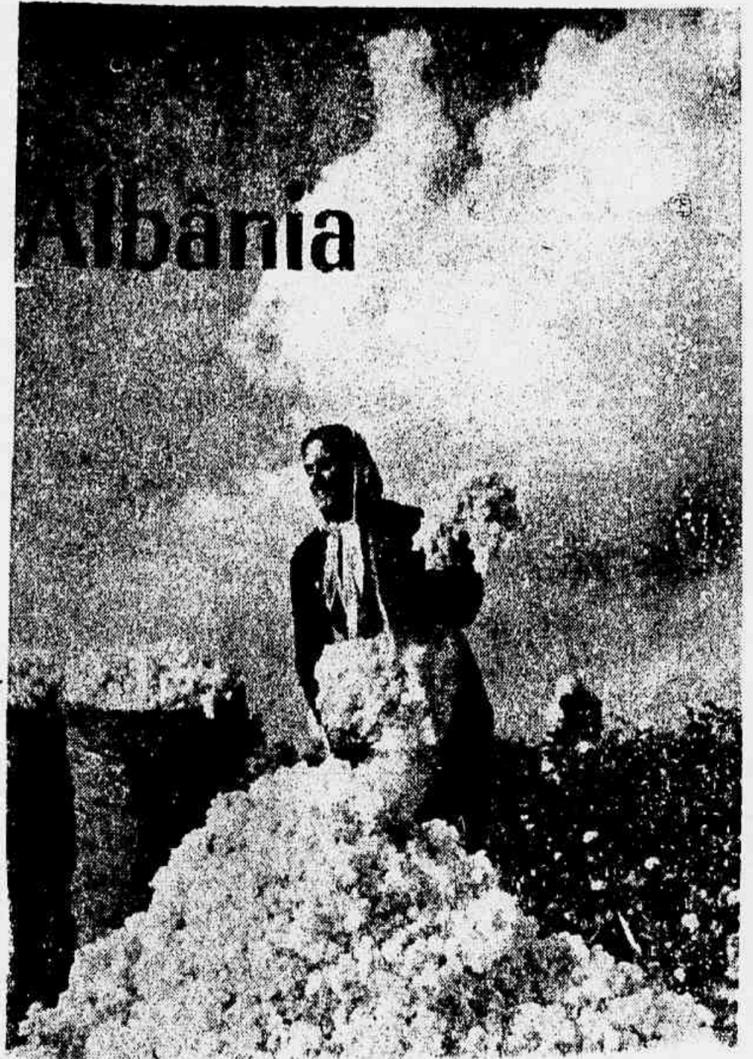
As fontes de receita do Estado albanês são, assim, consideráveis: 41% provenientes da venda do produto industrial

e agrícola; 12,3% de lucros excedentes; 4,2% de impostos e taxas pagos pela população e 22,5% proveniente de várias pequenas fontes.

Como se vê, pois, o desenvolvimento da Albânia, assim como das demais repúblicas socialistas, difere inteiramente dos de países capitalistas, ficando ao mesmo tempo de frente com os países de maior desenvolvimento.

Em 1958, 70% da receita pública foram empregados no fomento da economia nacional — indústria e agricultura — e na assistência social e cultural da população.

O desenvolvimento do ensino na cultura física, dos esportes e da saúde pública, são amplamente expostos no "Anuário". Assim e que, em 1958, o número de alunos que nas escolas era de 35.404 ele-



Colheita do algodão na Cooperativa Agrícola de Boudowla, no distrito de Albânia

em 1957 a 250.000 em 1958, a mais que em 1938.

São, também, consideráveis os progressos realizados na cultura e na arte. Seguem a publicação, não havia nenhuma organização cultural na Albânia; atualmente existem

centenas de clubes teatrais, corais e bandas.

A arte cinematográfica também se desenvolveu, com a produção de filmes de animação e de longa-metragem.

A saúde pública recebeu atenção especial por parte do governo popular. Assim e que, em 1938, existiam somente

10 estabelecimentos hospitalares, com 200 leitos, e em 1957, já existiam 126 hospitais, com 4.000 leitos.

Em 1957, foram reunidas o quadro completo das vitórias obtidas pela República Popular da Albânia, que

avança resolutamente no rumo do socialismo, unido e integrado com os demais povos populares libertados pela U.R.S.S.

O MILAGRE CHINÊS

Jamais, em toda a história do mundo, um país se desenvolveu tanto em tão pouco tempo como a República Popular da China, nos dez anos a partir da vitória da revolução popular, em 1949. O progresso da China chega a ser considerado um milagre.

São as razões desse milagre: que o Presidente da República Popular da China, Liu Chaotai, esclarece no trabalho "O Milagre da China" publicado na revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, que já se acha à venda nas bancas e livrarias.

Muitos outros artigos do maior interesse, assinados por destacados teóricos marxistas da atualidade aparecem nesse número da revista, tais como o do ministro do Exterior da Polónia, Adam Rapacki, sobre a coexistência pacífica.

Outra matéria da maior importância é o debate sobre o Mercado Comum Europeu, cuja publicação é iniciada nesse número da revista com as intervenções dos economistas A. Arzumanian, da URSS, e O. Baumann, da Alemanha.

Adquira, por 20 cruzeiros apenas, o seu exemplar n.º 8 de

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

FAÇA A SUA ASSINA TERA FARI 1959. PERIÓDICO DE PAZ E DO SOCIALISMO. SALA DO RPO.

RECONHECIMENTO DOS SINDICATOS RURAIS

Dirigentes de todo o país se reunirão em Niterói

Realizar-se-á no próximo dia 22 em Niterói, um encontro de dirigentes de sindicatos rurais de todo o país. Este encontro terá lugar na sede da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação, na Rua Cel. Gomes Machado n.º 192, objetiva a discussão de um plano nacional, em vista do movimento de sindicalização rural.

Segundo a convocatória assinada por líderes rurais e encaminhada pelos dirigentes dos Sindicatos de Empregados Rurais do Campus Ilheus e Itaboraí, em todo o território nacional há alguns milhares de trabalhadores rurais, sendo que somente cinco deles foram reconhecidos. Devido a isso, sob a pretexto de serem organizações ilegais, essas entidades sofrem as mais variadas perseguições, que impedem seu funcionamento normal.

Na oportunidade de encontro, serão examinadas as condições de reconhecimento

das atividades associativas, pelas autoridades competentes, as quais serão encaminhadas as condições da direção

ASSINE "NOVOS RUMOS"

"MACHADO DE ASSIS"

Livro de Astrojildo Pereira

1 volume de 280 páginas, em bem cuidada edição da Livraria São José. O livro compõe-se de ensaios e apontamentos avulsos, sendo a seguinte o seu índice:

Romancista da Segunda Reinada — Instinto e Consciência de Nacionalidade — Crítica Política e Social — O Alameda e a História da Cidade — Pensamento Dialético e Materialista — Antes e Depois do Brasil Cubano — O Mau e o Bom Machado — Apontamentos Avulsos — Apêndice.

A VENDA NA EDITORIAL VITÓRIA

Rua Juan Pablo Duarte, 50 (sobrado)

RIO DE JANEIRO

O novo Estádio «Dinamo», de Tirana



É Justa a Causa Do Povo Cubano

Pedro Pomar

A batalha política que o governo de Fidel Castro vem travando em defesa da revolução cubana e para derrotar os turvos desígnios contra-revolucionários dos círculos dirigentes de Washington, confirma inteiramente a tese de que uma política exterior e o desenvolvimento político independente dos países da América Latina encontram no imperialismo americano seu maior adversário.

Os imperialistas norte-americanos, valendo-se de posições privilegiadas na economia de Cuba, querem que o governo revolucionário ceda, renuncie aos objetivos proclamados, do contrário ameaçam tomar represálias de toda ordem. Para não se dizer que altero o sentido das pretensões do Departamento de Estado, vejamos o editorial do seu porta-voz no Brasil, "O Estado de São Paulo", de 29/1/59, que revela o fundo da questão: "Desde que Castro se dispôs a levar sua revolução além dos limites políticos para penetrar audaciosamente no terreno das reformas das condições sociais e econômicas, a crise tornou-se inevitável".

Tudo perfeitamente claro. Deixa-se abertamente inibir ao governo de Cuba que tome as providências indispensáveis para liquidar as fontes da miséria e da tirania.

da, da corrupção e da ignorância em que tem vivido durante tantos anos o povo cubano.

Ora, não é por maldade de seus atuais dirigentes nem por simpatia em relação aos Estados Unidos que a revolução cubana tem seu gume voltado contra o imperialismo americano. O caráter ant imperialista da revolução cubana é o resultado de uma necessidade objetiva do desenvolvimento histórico de Cuba. Nesse aspecto a revolução cubana não difere dos processos revolucionários que estão em curso nos outros países da América Latina. Mas uma das particularidades que empresta o vigor e, até certo ponto, explica que a revolução se tenha convertido num pólo avançado da luta dos povos latino-americanos contra o inimigo comum, e num exemplo de projeção continental, se deve precisamente ao fato de que o povo cubano, desde os primórdios de seu movimento de independência, defrontou-se com o imperialismo americano como o maior obstáculo ao seu desenvolvimento progressista e à sua liberdade. Quer dizer, diferentemente do que ocorreu com as lutas de independência na maioria dos países da América Latina e com a criação de seus Estados nacionais, a luta do povo cubano encontrou-se nos fins do século passado com os

apetites colonialistas dos Estados norte-americanos, que procuravam transformar a ilha numa fazenda produtora de cana-de-açúcar e o país num peão de sua política de dominação do mar das Antilhas e de todo o Continente.

O grande patriota e demagogo revolucionário José Martí, sobrenomeado o Apóstolo da independência do país, tinha tanta consciência desse perigo que indicava, pouco antes de morrer, no começo da luta libertadora em 1895, que a insurreição tinha a missão de "impedir a tempo — com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se estendessem pelas Antilhas e calmas com mais essa força sobre as nossas terras da América".

O imperialismo americano sempre cobiciou as antigas colônias mantidas pela Espanha nas Antilhas e no Pacífico. Cuba, uma das mais belas e ricas dessas terras, distante 90 milhas das costas norte-americanas e em posição estratégica no caminho da Europa e da América Latina mereceu constante atenção da diplomacia do dólar. A afluência de capitais norte-americanos para a ilha começou por ocasião da chamada "guerra grande", de 1898-1898, contra o domínio espanhol. A economia cubana viu-se então arruinada e sua dependência do mercado americano ainda mais acentuada. No período da guerra de independência de 1895, quando o povo estava prestes a derrubar o regime colonial os Estados Unidos declararam guerra a Espanha em 1898. Venceram e obrigaram-na a renunciar às suas colônias de Cuba, Filipinas, Porto Rico e outras, que foram ocupadas pelos exércitos nãques e viram frustrados seus movimentos emancipatórios. Devemos lembrar que essa foi a primeira guerra imperialista da nova época do capital financeiro. Essa guerra marcou uma viragem na situação mundial daquele tempo, delimitando a etapa expansionista do imperialismo americano fora das fronteiras da América Latina e revelou, ao mesmo tempo, a fisionomia reacionária e feroz do imperialismo americano como inimigo da luta de libertação dos povos oprimidos.

Mas, em face de um movimento nacional forte, como o de Cuba, o imperialismo americano já demonstrava então sua capacidade de manobra e de engano, preferindo utilizar os meios indiretos de controle econômico e político e apresentando-se matreiramente como "amigo" da independência do povo cubano. E' larga a fe de ofício dos ideólogos e políticos reacionários norte-americanos ao seu serviço, na busca de "teorias" e de meios com o propósito de desarmar e dividir as forças nacionais, democráticas e populares que querem sacudir o jugo opressor desses "amigos". Desde o lançamento da famosa doutrina de Monroe, passando pela construção do sistema do pan-americanismo oficial e hipocrita, até a atual política da "guerra fria" o imperialismo americano tudo tem feito para justificar o esbulho de que somos vítimas e a desigualdade no tratamento de nossos países. No caso de Cuba, eles criaram a Emenda Platt e a impuseram a Constituinte cubana de 1901, que aceitou, contrariando o sentimento nacional e as advertências dos chefes libertadores Martí, Maximo Gomez e Antonio Maceo. A Emenda Platt foi a condição para que as tropas norte-americanas abandonassem a jovem República. Ela outorgava aos Estados Unidos o direito de intervir no pequeno país em casos determinados, exigia-lhe bases militares e um Tratado Permanente, pelo qual ficavam estabelecidas e regularizadas as relações de subordinação de Cuba com o "bon vizinho". A citada emenda só foi revogada em 1934, depois que o povo cubano levantou-se em armas contra a tirania de Gerardo Machado. Mas ficou fortemente imprregnado entre as classes dirigentes a mentalidade "plattista", capituladora, que facilitou aos embaixadores dos Estados Unidos intrinsecamente nos assuntos internos do povo irmão até a tirania de Batista, que demonstrou aos povos do todo a América e do mundo o quanto era intolerável a humilhação imposta pelo imperialismo americano aos interesses e aos sentimentos nacionais de Cuba.

Note-se ainda que após 57 anos de República, mais de 60% das exportações e mais de 80% das importações eram realizadas com os Estados Unidos. O balanço do comércio era desfavorável a Cuba, que pagava cada dia maiores preços pelo que comprava e vendia seus produtos cada vez mais baratos. Graças à dominação do imperialismo americano, Cuba tornou-se país monocultor de açúcar. 54% dos capitais investidos na indústria açucareira, avaliados em um bilhão de pesos, pertenciam às empresas norte-americanas, que produziam 40% do total do artigo e vendiam 30% da quota no mercado mundial. Em mais de 30 anos a produção de açúcar não aumentou e agora os governantes norte-americanos fazem pressão e ameaçam diminuir sua quota de compra sem levar em conta a opinião e os interesses do povo cubano e de seu governo. Um quinto da superfície do país pertenciam ao imperialismo lanque, que assim constituía-se no maior latifundiário de Cuba. São capitais norte-americanos ainda que possuem o controle dos bancos, das instalações portuárias, dos transportes marítimos e aéreos, da energia elétrica, das telefônicas, da importação e distribuição do petróleo, além de disporem de concessões sobre as riquezas minerais do país. A economia cubana era presa periódicamente de dificuldades e crises, tendo a desocupação atingido a alarmante cifra de 600 mil trabalhadores, numa população de 5 milhões de habitantes. O analfabetismo e a discriminação racial tornaram-se enfermidades incuráveis.

Por conseguinte, foram terríveis as sequelas da "amizade" imperialista norte-americana sobre a nação. "Cuba era doce por fora e muito amarga por dentro", tal a imagem realista expressada pelo seu maior poeta nacional, Nicolas Guillen, que denunciava a situação dos trabalhadores nos seguintes versos: "El hombre de tierra adentro/esta en bolyo medido, muerto sin haber nacido...". "El hombre de la ciudad/ ay, Cuba, es un portañero; anda hambrieto y sin dinero...". Parece evidente, pois, que para dar qualquer passo a frente na senda de sua emancipação econômica, o povo cubano devia superar seu antagonismo com o imperialismo norte-americano. São as leis do desenvolvimento social e não as "intrinsic" dos nacionalistas ou dos comunistas que determinaram o levante revolucionário de Cuba e estão fazendo crescer a onda libertadora na Venezuela, no Panamá e em todos os países onde as forças patrióticas e democráticas já possuem experiência bastante e aprenderam a reconhecer seu inimigo principal.

O povo cubano, a tomar seu justo caminho, utilizou adequadamente o direito histórico real e universalmente reconhecido, de que nos falava Engels, o direito à revolução, para botar abaixo as classes reacionárias e erigir um governo soberano que dá os primeiros passos no sentido da transformação econômica, política e social do país. A conduta do governo de Fidel Castro, denunciando as maquinacões dos governantes americanos, é bem uma prova de que ele quer alcançar a independência econômica não sacrificando os interesses do povo em benefício dos imperialistas americanos, dos latifundiários e dos grandes importadores, nem conciliando com os referidos elementos, e sim apoiado na vontade das amplas massas populares em sua ação unida e intransigente contra os traidores e capituladores. Essa é uma atitude bastante diversa daquela que acaba de proclamar mais uma vez o sr. Juscelino Kubitschek sobre a necessidade da "compreensão" dos trusts para as dificuldades de nosso país e que pretende uma reformulação do pan-americanismo, sem contudo modificar a essência da política dos atuais governantes norte-americanos.

É tal de seu próprio peso, que um país independente, que defende sua soberania e procura diversificar sua economia, tornando-a sólida, não prejudica em nada os interesses do povo americano. Pelo contrário, este só pode considerar proveitoso para seu progresso e para seu bem-estar, a emancipação econômica do pequeno vizinho e o estabelecimento com ele de relações de igualdade e de respeito mútuo. Tudo o mais não passa de desespero dos imperialistas e de seus lacaios no continente, que buscam pretextos para a intervenção em Cuba e procuram liquidar a revolução, temerosos que o seu exemplo contagie a todos os povos latino-americanos.

Na batalha contra o seu velho opressor, a causa justa está com o povo cubano. O imperialismo americano perde terreno e será derrotado, tanto mais cedo quanto mais rapidamente congregarmos nossos esforços, os povos da América Latina, para ajudar Cuba e ao mesmo tempo, lutarmos por nossa própria liberdade.

Teoria e prática

O IMPERIALISMO

Resposta ao leitor Antenor Oliveira (Curitiba — Paraná).

O imperialismo é a etapa superior e última do capitalismo, que teve início em fins do século XIX etapa de sua decomposição e morte, etapa das revoluções socialistas vitoriosas. A teoria do imperialismo foi criada por Lênin, que assinalou os seguintes cinco traços principais do imperialismo: 1) a concentração da produção e do capital, que conduziu à formação dos monopólios, os quais desempenham papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a formação, sobre essa base, do capital financeiro e da oligarquia financeira; 3) a exportação do capital, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire um significado particularmente importante; 4) a formação das uniões monopolistas internacionais das capitalistas, que dividem o mundo entre si; 5) a terminação da divisão do mundo entre as maiores potências capitalistas. A essência econômica e o traço principal do imperialismo é a substituição da livre concorrência pelo domínio dos monopólios. Os monopólios estabeleceram seu domínio absoluto sobre a economia e a política dos maiores países capitalistas. Assim, nos EE. UU., cidadãos do imperialismo, estão monopolizados, na atualidade, todos os ramos principais da produção entre 60% e 100%.

O domínio dos monopólios capitalistas na vida econômica é completado por seu poder absoluto na vida política. Os monopólios submetem a seu arbítrio o aparelho do Estado e o utilizam em benefício de seu enriquecimento.

O imperialismo é o capitalismo parasitário, putrefato e moribundo. Leva até os últimos limites a contradição entre o trabalho e o capital, entre os diversos Estados imperialistas, entre os Estados imperialistas e os países coloniais e dependentes. O extremo aguçamento das contradições da sociedade capitalista na época do imperialismo não significa, contudo, o estancamento absoluto do capitalismo, como advertia Lênin.

O desenvolvimento do capitalismo na época do imperialismo é extremamente desigual e se realiza por saltos. Essa desigualdade de desenvolvimento conduz, com o tempo, a uma violenta ruptura do equilíbrio dentro do sistema mundial do capitalismo, ao agravamento das contradições da sociedade capitalista na época do imperialismo não significa, contudo, o estancamento absoluto do capitalismo, como advertia Lênin.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o imperialismo entrou em sua fase de desagregação. Onze países libertaram-se do jugo capitalista e um grande número de outros países conquistaram a sua emancipação política. O sistema colonial do imperialismo sofreu um colapso. Nos países que ainda se acham sob a influência do imperialismo — na Ásia, na África e na América Latina — é cada dia mais vigorosa a luta de libertação nacional. Coloca-se na ordem do dia o problema da liquidação total e definitiva do sistema do colonialismo.

Com a vitória da União Soviética sobre a Alemanha fascista e a instauração do regime democrático popular na China e em vários outros países, criou-se o sistema socialista mundial, ao lado do sistema capitalista. A coexistência desses dois sistemas mundiais prova, a cada dia, a superioridade do socialismo sobre o capitalismo e a inevitabilidade histórica da próxima liquidação do imperialismo.

PINTOR BRASILEIRO RIDICULARIZA MATHIEU



Para fazer o que Mathieu faz não é preciso capacidade artística propriamente dita. Basta um pouco de habilidade. Resolvi pintar esse quadro em praça pública para mostrar que não há nenhuma glória em trabalhar como Mathieu e que um pintor brasileiro também pode ser o mais veloz do mundo, declarou José Henrique Belo ao terminar um painel de 10x2,50, após hora e meia de trabalho, diante de grande multidão reunida em frente às escadarias do Teatro Municipal, no dia 17.

O autor da gozação, José Henrique Belo — que pintou a tela acompanhado pelos acordos de um pequeno conjunto de jazz — é um jovem maranhense que, além de já ter exposto na Gêa, Petite Galerie e outros salões nacionais, também já participou de exposições na URSS, China e Tchecoslováquia.

É interessante salientar que Georges Mathieu, convidado para assistir à exibição de Belo, não compareceu ao local, evitando uma desmoralização de corpo presente.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

(XXXIX)

OS MÁRTIRES DE CHICAGO

A linha geral libertadora oportunista da Federação Nacional dos Sindicatos dos Estados Unidos (depois A.F.L.) buscou a orientação nacional da International Working People Association (Associação Internacional do Povo Trabalhador), fundada em 1893 em Chicago por um grupo de operários anarquistas, na maioria alemães. A partir do ano seguinte, — quando começou uma crise econômica que se prolongaria até 1894 — o movimento operário norte-americano entrou numa fase de grandes lutas, particularmente no Norte e na Califórnia, desafiando-se por sua combatividade as massas de trabalhadores de cor. A burguesia desencadeou violenta repressão policial contra as greves, que muitas vezes se transformaram, assim, em sangrentos combates de rua. Nada conseguia abater o ânimo revolucionário dos operários, que se defendiam

valentemente contra os baixamentos de salários e o desemprego. Sucederam-se as greves, crescia a I.W.P.A., que viajava e levava a luta econômica. Os burgueses norte-americanos, alarmados, resolveram apelar para a provocação política. Nas linhas faltavam para isso habéis agentes, capangas que desde havia algum tempo se vinham infiltrando no movimento sindical, disfarçados, como convinha, sob a máscara de "elementos radicais". A questão era o a escolha de uma boa oportunidade e esta não tardou a aparecer.

Os operários de Chicago — que era já então uma grande cidade industrial, — decidiram, de luta em luta, realizar uma passeata geral reivindicatória no dia primeiro de maio de 1886. Foi ampla e entusiástica a mobilização nas fábricas e bairros proletários. De nada valeram as ameaças dos patrões e de seus agentes nos locais de trabalho, nem os rumores alarmistas surgidos

às vésperas da demonstração. Mas a falta de uma direção política esclarecida deixava a massa trabalhadora às cegas, sem ver a necessidade de completar a sua justa contiança em si mesma com a organização indispensável da vigilância de classe, da segurança contra a ação do inimigo.

No dia primeiro de maio milhares de trabalhadores, ostentando as bandeiras de seus sindicatos e cooperativas e empunhando cartazes com as reivindicações mais sentidas — a principal era a tra jornada de 8 horas de trabalho —, desfilarão pacificamente pelas ruas de Chicago e se concentraram em comício-monstro na praça de Haymarket. Foi aí que se desencadeou a hecmonia provocação tramada pelos burgueses:

uma bomba de grande potência estourou em pleno comício, causando numerosas vítimas. Mas era só o começo. Logo a reação desabou sobre o movimento sindical, a polícia saiu prendendo os líderes operários mais destacados. Em seguida se armou um processo-farsa contra sete dentre eles, sob a acusação de que eram os autores do covarde atentado...

Antêtuos filhos da classe trabalhadora, os reus se comportaram com inexecúvel dignidade, firmeza e coragem, desmascarando o monstruoso embuste, pondo a nu toda a desfaçatez da odiada justiça de classe burguesa. "Ao dirigir-me ao tribunal, faço-o como representante de uma classe diante de outra classe inimiga... A minha defesa é a vossa acusação, Os meus pretensos crimes são a vossa história" — declarou um dos processados, August Spies.

A conduta dos réus comoveu o movimento operário em todo o mundo. Mas a solidariedade despertada não foi bastante para deter a mão dos algozes. Três dos acusados foram condenados a longos anos de prisão, os outros quatro foram condenados à fôrca e enforcados. Sua inabalável fidelidade ao proletariado inspirou-lhe, diante da morte, luminosas palavras revolucionárias: "...Sobre o vosso veredito ficará o do povo americano e o do mundo inteiro, para demonstrar a vossa injustiça e as injustiças sociais que nos levam ao cadafalso", — disse Albert G. Parsons. "...se credes que nos enforcando poderis conter o movimento operário, — esse movimento constante em que se agitam milhões de homens que vivem na miséria, os escravos do salário, — se esperais salvação e acréditais nisso... entorçamos!" — afirmou Spies.

Foi tal a situação criada pela firme posição de classe assumida pelos processados que o jornal burguês "The Times", de Chicago, viu-se obrigado a dizer que "a sentença, não há dúvida, é dirigida contra o socialismo". Pouco tempo depois, em 1890, Han Algeid, governador do Estado de Illinois (onde está situada Chicago), reconhecia oficialmente, com o entusiasmo que é usual na burguesia: "Aqueles homens foram vítimas inocentes dum erro judicial". Desde o I Congresso da

II Internacional (julho de 1889), o dia primeiro de maio passou a ser o dia da solidariedade internacional dos trabalhadores. Os sete mártires de Chicago (Engel, Fischer, Ling, Noebe, Parsons, Schwal e Spies) vivem e viverão para sempre no coração do povo trabalhador do mundo inteiro.

Os primeiros anos do decênio de 90 do século passado, o Partido Operário Socialista da América ampliou um pouco sua atividade e influência entre as massas operárias. Isso era reflexo da presença, à frente do partido, do destacado dirigente do movimento operário Daniel De Leon. Entretanto, apesar de sua dedicação e qualidades, De Leon e seus companheiros não tinham a capacidade teórica necessária para encaminhar acertadamente os problemas fundamentais de orientação do partido. Não tinham clareza sobre as questões da revolução proletária e da ditadura do proletariado e, conseqüentemente, não compreendiam também o papel de vanguarda do partido da classe operária, o seu caráter de forma superior de organização do proletariado. Explica-se, assim, que o Partido Operário não entergasse a necessidade de atuar nos sindicatos reformistas e que desobedeceu, erroneamente, organizar sindicatos paralelos aos da A.F.L., que era se fato a organização sindical de massas (a I.W.P.A. anarquista não resistiu aos acontecimentos de Chicago e desapareceu em 1888).

O caráter inconseqüente, o caráter do Partido Operário Socialista limitou o desenvolvimento da tendência oportunista de direita em seu seio. Ao findar a década de 90, o partido afinal cindiu-se, dele destacando-se a ala diretista, que formou o chamado Partido Socialista da América. A sua frente ficou o valoroso chefe proletário Eugene Debs, o "Egboel americano", segundo reconhecia Lênin.

SARDENBERG ENTREGOU À ESSO AS CHAVES DA PETROBRÁS

A publicação, pelo jornal "O Semanário", da íntegra do acordo assinado entre a Petrobrás e a "Esso Export Co." causou funda repercussão nos meios nacionalistas do país. Falando sobre ele na Câmara, segunda-feira última, o deputado Djalma Maranhão classificou-o de imoral, e instrumento de sapa do monopólio estatal do petróleo pelos trustes internacionais. Na sexta-feira passada, o deputado Neiva Moreira havia ocupado a tribuna para denunciar à Casa, em termos indignados, o teor entregista do acordo; já recebeu mais de cem assinaturas um Requerimento à presidência da Câmara, solicitando que o Plenário se transforme em Comissão Geral de Inquérito para investigar a questão. Espera-se para os próximos dias a aprovação do Requerimento, que possibilitará um debate a fundo do problema, com ampla significação nacional.

FUNÇÕES DO CNP ATRIBUÍDAS À ESSO
O acordo publicado — válido até 1965 — envolve grande número de vergonhosas concessões da empresa estatal à Standard Oil. O centro fundamental da questão, entretanto, está na política de importação de petróleo e derivados, e de distribuição desses produtos no mercado interno, política cujo traçado cabe por lei ao Conselho Nacional do Petróleo, mas que, na prática, o contrato assinado pelo Cel. Sardenberg transfere para o truste dos Rockefeller. Isto é o que se verifica, principalmente, através da cláusula 19 do acordo, que diz, textualmente (os grifos são nossos):

«19) — **IMPORTAÇÃO DE PETRÓLEO PELO BRASIL.** A Petrobrás não considerará expandir sua participação na importação de derivados de petróleo além do que já lhe foi entregue (óleo combustível e GLP (1)) e que poderia causar uma redução maior na participação da Esso Standard do Brasil em tais importações; nem tomará quaisquer medidas que afetem adversamente os esquemas de suprimento que existem entre a ESSO EXPORT e seus clientes, desde que tais entendimentos não interfiram com a participação acima mencionada da PETROBRÁS na importação de certos produtos. Para a parte de óleo combustível que deva ser importada pelo Brasil, a PETROBRÁS negociará o fornecimento com a ESSO EXPORT, no período coberto por este acordo. Este entendimento não inclui necessariamente a obrigação por parte da ESSO EXPORT de adquirir quantidades suplementares de óleo baiano, além daquelas previstas neste acordo.»

Traduzindo o texto diplomático em linguagem prática, isto significa: — a Petrobrás renuncia (não considerará expandir) ao monopólio das importações de petróleo e derivados, que foi reiteradamente pedido pela antiga Direção da empresa ao Conselho Nacional de Petróleo, por ser medida indispensável para o programa de produção de óleo na Bahia, e que possibilitaria ao país, segundo os rela-

tórios oficiais da Petrobrás ao CNP, uma economia de divisas de 288 milhões de dólares, no biênio 1959-60;

— a Petrobrás renuncia à extensão de seu monopólio ao sistema de distribuição de derivados de petróleo, e nem sequer poderá aceitar qualquer participação no m e r c a do distribuidor, pois desta forma ela estará afetando adversamente os esquemas de suprimento entre a ESSO EXPORT e seus clientes»;

— a Petrobrás renuncia a importar petróleo soviético, ou sequer a negociar as importações de petróleo, à procura de melhores preços, com outros trustes internacionais, uma vez que o acordo dá o privilégio da preferência nas negociações à Standard Oil.

VENDER MAIS BARATO E COMPRAR MAIS CARO

O objetivo — ou pretexto — do acordo foi a negociação da compra pela Standard Oil de certas quantidades de óleo produzido no Recôncavo Baiano, pela Petrobrás, cujo aproveitamento em nosso clima é tornado difícil, porque ele deve ser aquecido para tornar-se líquido e existem outros tipos de óleo, de mais baixo pon-

to de fluidez, que podem ser aproveitados sem sistema de aquecimento, em nosso clima quente, tornando-se portanto mais econômicos, embora a qualidade do óleo baiano seja superior. Daí a necessidade de ter a Petrobrás o monopólio das importações, para produzir petróleo na Bahia, uma vez que este monopólio daria à empresa o chamado «poder de barganha», para negociar no exterior a colocação do óleo baiano.

Pelo acordo assinado pelo Cel. Sardenberg, entretanto, a Petrobrás tem um duplo prejuízo: na venda e na compra. Enquanto o preço internacional do óleo baiano é de 3,20 dólares por barril, a Esso receberá este petróleo ao preço estipulado no acordo, de 2,90 US\$/barril; e, enquanto os tipos de óleo fornecidos pela Esso à Petrobrás têm preço internacional fixado em torno de 2,70 US\$/barril, a empresa estatal comprará este petróleo a preços de 2,75 e 2,90 US\$/barril. Considerando as quantidades a serem compradas pela Esso (28 milhões de barris) e pela Petrobrás (78,9 milhões de barris), pode ser calculado o prejuízo total da Petrobrás e, conseqüentemente, para o país, nesta operação de compra e venda:

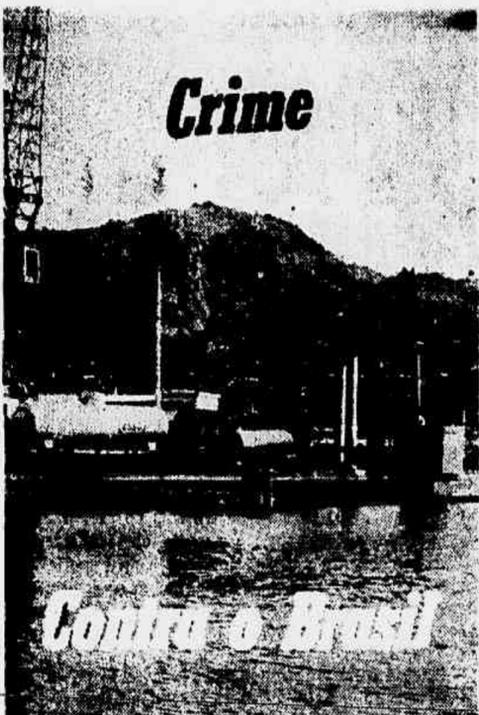
mais de 16 milhões de dólares.

Este regalo do Cel. Sardenberg ao grupo Rockefeller, e outros do mesmo tipo estipulados no acordo, nada são, entretanto, se comparados às concessões colonialistas fixadas na cláusula 19 do acordo. Tais concessões significam que, se tal acordo não for anulado pela pronta reação dos nacionalistas, muito provavelmente o trabalho de sapa do monopólio estatal, que há anos vem sendo denunciado pela imprensa progressista e comunista, terá atingido plenamente os seus objetivos.

(1) GLP: Gás liquefeito de Petróleo.

ELEIÇÃO NOS ALFAIATES

Nos próximos dias 25, 26 e 27 serão realizadas as eleições para renovação da Diretoria do Sindicato dos Alfaiates e Costureiros do Distrito Federal. O trabalho levado a efeito pela atual Diretoria, unificando toda a corporação em torno de um programa de reivindicações de interesse geral, levou a que se formasse uma única chapa, encabeçada pelo líder Adalberto Rodrigues, para o próximo pleito. Os dirigentes do Sindicato nos Alfaiates fazem um apelo aos associados para que não deixem de votar, a fim de que o "quorum" seja alcançado rapidamente.



Em Breve: 2.ª Edição De "Capitais Estrangeiros No Brasil"

Fato inédito, certamente, em nosso movimento editorial em livros de tal gênero: tendo saído, há pouco mais de três meses, a 1.ª edição em segunda edição, dentro em breve, «Capitais estrangeiros no Brasil», do economista Aristóteles Moura.

Obra pacientemente elaborada, com enorme riqueza de dados sobre os investimentos de capitais estrangeiros em nosso país, o trabalho de Aristóteles Moura despertou justificado interesse. Trata-se de um livro não só dirigido para especialistas, mas acessível ao grande público, a quantos se interessam por um dos assuntos mais estreitamente ligados aos grandes problemas que enfrentamos, os problemas do desenvolvimento econômico nacional.

A rapidez com que «Capitais estrangeiros no Brasil» teve esgotada a sua primeira edição é uma prova do quanto o leitor comum procura estar em dia com a realidade brasileira, com os estudos sérios que a retratam e revela sobretudo o mérito de valiosa obra de Aristóteles Moura.

Novas Diretorias nas Federações dos Têxteis e dos Rodoviários

Foi eleita, no dia 12 de outubro, a nova Diretoria da Federação Nacional dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários, que ficou constituída no sr. José Manoel Teixeira, presidente; Do Nair, secretário; e Laurêncio José Gonçalves, tesoureiro.

No mesmo dia foi eleita a nova Diretoria da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Elétrica e Têxtil da

Distrito Federal e do Estado do Rio. Foram escolhidos os srs. João Antônio Alberto Júnior, presidente; Sebastião de Reis, secretário; Almir Reis Netto, tesoureiro. Para o Conselho de Representantes da CNTI foram eleitos os srs. Hercules Correia dos Reis, Almir Reis Netto, Luiz Aguiar Lemos, e Julio Marques da Silva.

O Povo Já Tomou Posição: Que Os Partidos Se Apressem a Dar a Legenda a Lott

«O povo já tomou posição e pelo voto livre e direto do Marechal Lott a presidência da República, que o partido se apressem em lhe dar legenda», disse o ex-presidente da União Nacional dos Estudantes, Raimundo Elirado da Silva, na instalação do Comitê Estudantil Nacional pro-Lott. As palavras do líder estudantil foram calorosamente recebidas pelo grande número de estudantes que lotavam o auditório da ABL, ocasião de apoio integral à candidatura nacionalista para os eleições presidenciais de 1960.

Também foram as palavras que o deputado Avelino de Azevedo, presidente do Conselho Nacional de Engenharia, Arquitetura e Cartografia, salientando o caráter popular e progressista da candidatura do Marechal Lott — apelando para a luta contra os inimigos do desenvolvimento econômico e social do país — entregistas de 20 anos que vêm na vitória do candidato nacionalista um obstáculo aos seus objetivos antinacionais.

VIGILANCIA NACIONALISTA

Saudando o candidato pro-Lott ao Marechal Lott, também sua filha, a Edna Lott, dizendo: «Há nos fortalejamos por romper toda uma tradição de comportamentos vicíados, que tinham freando o desenvolvimento nacional. Amanhã haverá a Vozes a missão de ocupar as posições que ocupamos e partir para a estruturação definitiva de um

Grande entusiasmo na instalação do Comitê Estudantil Nacional de apoio à candidatura do Ministro da Guerra — Saudação de d. Edna Lott aos estudantes: «Partir para a estruturação definitiva de um Brasil verdadeiramente livre e independente».

Brasil verdadeiramente livre e independente».

Frente a Lida Lott a sua posição de luta travada pelo povo brasileiro em prol do desenvolvimento do país e a participação ativa e brilhante dos estudantes nestas lutas, assinalando: «Temos sempre em mente que ao lado dessa tarefa criadora, há de haver uma missão de vigilância. Faz-se necessário que as forças permaneam sempre alertas. Aquelas forças que ainda hoje tentam enfiar o dedo de envolvimento não e afastar por métodos muito facilmente elas se perdem e destruíam a nossa tradição nossa. Ai está um exemplo: nossa empresa estatal de petróleo. A Petrobrás é intocável. Mas os trustes do petróleo não desanimam e continuam infatigáveis no cerco a sua integridade. Vejam Roberto, por exemplo, um torpedeiro traço elaborado por nossos próprios irmãos contra

torre: a campanha eleitoral da candidatura nacionalista, afirmam os componentes do comitê: «Compreendemos que só a união das forças mais vivas da nação em torno de um homem que, por suas posições claras e francas, tem se mostrado o único dos candidatos integrado nesses objetivos, poderá garantir a vitória das forças nacionalistas nas eleições de 3 de outubro de 1960».

Indica a seguir os pontos fundamentais das Declarações de Princípios unanimemente aprovadas nos últimos Congressos da UNE, como a nota da escola pública, das instituições Democráticas, do monopólio estatal do petróleo e de outras riquezas naturais, a melhoria das condições de vida e trabalho dos operários e demais trabalhadores urbanos e rurais, a posição em prol da coexistência pacífica e das relações amistosas com todos os povos do mundo.

Durante os trabalhos de instalação do Comitê Estudantil Nacional pro-Lott foi eleita a diretoria do Comitê que ficou assim constituída: Patrício, Marechal Henrique Lott; Presidentes de Honra, João Goulart, Horta Barbosa, Bento Gonçalves e Urutaly Magalhães, Conselho Nacional: Raimundo Elirado da Silva, Modesto Justino, Jorge Medauar, João Francisco Vasconcelos, Rogério Monteiro, Benedito Silva, Frelre e Alfredo Viana, todos ex-diretores de entidades estudantis nacionais e estaduais.



A assistência, que lotou o auditório da ABL, aplaudiu com calor o nome do marechal Lott.

A Light Sabota a Indústria Brasileira

Nega-se o truste ianque a queimar carvão nacional na Usina Piratinga

SÃO PAULO (Da Sucursal) — As dificuldades que experimenta no momento a indústria do carvão mineral nacional devido à falta de um interessante debate promovido pelo Instituto de Engenharia do Estado.

É sabido que toda a produção nacional (na Santa Catarina) de carvão metalúrgico tem consumo assegurado por Volta Redonda e outras empresas produtoras de aço. Entretanto, uma outra parte importante do carvão destina-se apenas à produção de vapor — e precisamente esta parte experimenta no momento grave crise determinada pela drástica redução do consumo conseqüente ao incremento do uso de óleo pelas fonnalhas de navios e locomotivas.

A solução prevista para essa dificuldade é a construção de grandes usinas de produção de eletricidade em Santa Catarina, o que consta do Plano Nacional de Eletrificação. Entretanto, as medidas visando a isto estão em atraso, razão porque as Usinas produtoras de carvão têm pleiteado com insistência que uma das novas unidades da Usina Piratinga seja adaptada ao uso do carvão nacional.

RESISTENCIA DA LIGHT

A Light vem se batendo contra essa solução fazendo publicar uma série de matérias pagas nos jornais com entrevistas de seus diretores, etc. Limita-se a afirmar que essa adaptação atrasaria a entrada em funcionamento dessa unidade, procurando,

assim convencer os industriais e o governo de que qualquer medida nesse sentido implicaria em certas condições para o nacionalismo da energia elétrica nesta Capital.

Exatamente este aspecto da argumentação dos porta-vozes da Light é que ficou perfeitamente esclarecido no processo dos debates que se seguiram à conferência do engenheiro Harro Stamm, conferência em que ele havia demonstrado o aspecto largamente positivo da queima de carvão nacional em Piratinga, no sentido de economia de dólares e de defesa de uma importante indústria nacional.

DESMASCARAMENTO

O engenheiro da Light, sr. Paulo Martins, afirmou, então, que a unidade em montagem na Piratinga não tinha condições técnicas de queimar carvão.

Entretanto, o engenheiro Julio Rabito, destacando técnico em caldeiras, afirmou que carvão poderia ser perfeitamente queimado, tanto na unidade já em funcionamento como na em construção, bastando para tanto que se fizessem as necessárias adaptações.

Por sua vez, o engenheiro Plínio de Queirox afirmou que devia ser posto na cadeia o fiscal daquelas obras da Light, uma vez que as instruções do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica estavam bem claramente que a unidade em construção deveria ser adaptada tanto à queima de óleo quanto de carvão mineral,

Govêrno Americano Confirma Pressão Sôbre JK Contra a Intervenção Nos Frigoríficos!

"General, o meu govêrno esta muito preocupado com a intervenção nos frigoríficos e considera essa medida um ato inamistoso", foi o que disse ao general Urrutty Magalhães, então presidente da COFAP, o embaixador dos Estados Unidos, Moore Cabot, quando o general saiu do gabinete do Presidente da República. Pouco antes, o próprio sr. Kubitschek havia dito ao general Urrutty que não podia prestigiar as medidas intervencionistas porque o

nosso embaixador em Washington sr. Walter Moreira Salles, diariamente telefonava para o Catete transmitindo a posição do govêrno americano, que até mesmo condicionava qualquer negociação para novos empréstimos à cessação da "ameaça" aos seus protegidos.

Esta pressão do govêrno americano foi confirmada na última entrevista à imprensa do secretário de Estado americano, sr. Christian Herter. Falando da "preocupação" de

Para o Departamento de Estado, a «ameaça» se compara às manifestações de Cuba e Panamá — Telefonemas diários de Moreira Sales e ação direta de Mr. Cabot

seu govêrno em relação a sentimentos e atitudes anti-americanas na América Latina, o sr. Herter colocou no mesmo plano as manifestações de Cuba e Panamá e o "nacionalismo extremado" no Brasil, e na Venezuela. Citou depois especificamente a intervenção estatal em frigoríficos americanos em nosso país como um dos maiores motivos de "preocupação" do Departamento de Estado.

seu govêrno em relação a sentimentos e atitudes anti-americanas na América Latina, o sr. Herter colocou no mesmo plano as manifestações de Cuba e Panamá e o "nacionalismo extremado" no Brasil, e na Venezuela. Citou depois especificamente a intervenção estatal em frigoríficos americanos em nosso país como um dos maiores motivos de "preocupação" do Departamento de Estado.

TORPEDEADA A INTERVENÇÃO

Diante da posição do govêrno de não levar a intervenção, foi o general Urrutty obrigado a abandonar a COFAP, não sem antes deixar claro que os verdadeiros responsáveis por sua saída eram os trustes da carne. Isto é confirmado pelo fato de que, antes mesmo de tomar posse como presidente da COFAP, o sr. Guilherme Romano deu ordem ao interventor em São Paulo, coronel Graça Lessa, para que cessasse imediatamente a intervenção e passasse seus poderes ao presidente da COAP paulista. Revelou o coronel Graça Lessa, antes de abandonar o

NOVO OLEODUTO NA BAHIA

A PETROBRÁS acaba de firmar contrato com a Companhia Técnica Internacional — TECHINT, para a construção de um novo oleoduto do Recôncavo Baiano, com 53 quilômetros e meio de extensão, o qual, uma vez concluído, permitirá substancial aumento da produção de petróleo naquela região.

O referido oleoduto, cujo primeiro trecho deverá estar em condições de operação na segunda quinzena de dezembro vindouro, foi planejado com o propósito de assegurar o escoamento do petróleo produzido nos novos campos de Buracica, Cassarongongo e Taquipe, assim como em outros que venham a ser descobertos na mesma área.

Parte do novo oleoduto (22 quilômetros e meio) será construída com tubulação de 12 polegadas de diâmetro interno. No trecho restante (31 quilômetros) será utilizada tubulação de 8 polegadas.

Nesse sentido, obtiveram os frigoríficos que fosse nomeado para a COFAP o sr. Romano, que concederia o aumento da carne e seria depois substituído. Até o momento, o sr. Romano já cumpriu metade de sua tarefa, ao liberar o preço do boi em pe, tabelado pelo general Urrutty em 530 cruzeiros a arroba. Ao mesmo tempo, desde que foi indicado, o novo presidente da COFAP vem prometendo "para os próximos dias" a normalização do abastecimento. Por três vezes anunciou o sr. Romano a data em que seria normal o mercado de carne, e o resultado concreto é que a população carioca continua enfrentando filas enormes para comprar menos da metade da carne que normalmente consome, pagando sempre muito acima do preço tabelado.

MANOBRA ORGANIZADA

Enquanto isto, segundo acusações de exportadores argentinos atualmente no Rio de Janeiro, a CACEX vem dificultando a importação da carne argentina há várias semanas, sendo a verdadeira responsável pela demora no embarque do produto. Isto vem confirmar o fato de que vários setores do govêrno, agora com a ajuda da COFAP, vem procurando agravar o problema de tal forma que a única "solução" seria o aumento da carne para o consumidor.

Esta manobra começou ainda na gestão do coronel Mindêlo, quando tudo já estava pronto para a majoração do produto. O sr. Osvaldo Pacheco, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carne Verde do Distrito Federal, chegou mesmo a declarar que não havia mais carne para abastecer a população. No dia seguinte, entretanto, o chefe de polícia, coronel Cristiano Figueiredo, promovia uma batida nos açougues e atamaens frigoríficos da cidade, mostrando que não só os açougueiros como a própria COFAP estavam sonhegando carne.

NOVA DIRETORIA DA CNTI

Num pleito que contou com a participação de delegados de todo o país, foram eleitos a nova diretoria e o novo conselho fiscal da CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria), os quais ficaram assim constituídos: diretoria — Deoclécio de Holanda Cavalcanti, Cláudio Glóssmidt Rianni, Ari Campista, Heracy Fagundes Wagner, Daniel Soares, Francisco Plácido das Chagas e Osvaldo Veioso Rosas. Suplentes da diretoria: Francisco José de Oliveira, Manoel Francisco da Silva, Antônio Fernandes de Lima, Hermes Correia de Mendonça, Aymerico Cavalcanti, Reinaldo dos Santos e Claudionor Araújo. Conselho Fiscal: Osvaldo Silva Bastos, Sebastião de Oliveira e Antônio Alves Costa. Suplentes: Antônio Erico de Figueiredo Alvares, Pedro Ribeiro dos Santos e Jorge de Mattos. Ao pleito concorreu uma única chapa. Foram apurados 47 votos, sendo 9 nulos e três em branco.

FALTA DE IMAGINAÇÃO

Eu já tinha me lembrado, e muito, do Padre Carlos (personagem do Gonzaga, de Castro Alves), a respeito da empenho do grupo catemista em acabar com a escola pública no Brasil. Dizia o padre: Quando a plebe brasileira quer empolgar, um punhado de instrução, há um sopro mau que lhe anega a luz. — É a metrópole. Mas o padre não podia adivinhar que, quase dois séculos depois, a metrópole continuaria devoradora, cruel, roubando os frutos do trabalho dos brasileiros. A metrópole continuaria impondo, humilhando, conspirando. E como dizia Gonzaga: «O escravo tem o azorrague, o trabalhador o imposto, o colono a lei, a inteligência o silêncio, o coração a morte e o povo as trevas. É a Metrópole! É sempre a Metrópole. E ainda tira os alimentos da boca da colônia para exportá-los. E quando manda alimento, muito bem pago pela colônia, como é o caso do feijão, só serve para ração de porcos. O capim, a terra, o boi, o suor dos trabalhadores, e da colônia, mas a carne e os lucros são da metrópole. E ainda arma provocações. A quem interessará a expulsão de bombas? A quem interessará o terrorismo? Ao povo interessa o trabalho e os frutos desse trabalho. Ao povo interessa a alegria dos dias de folga.

Ainda pelo ar a necessidade que têm certos setores em certas ocasiões de criar um determinado clima. Um clima dentro do qual não sejam reclamadas as soluções para os problemas urgentes. E nos países sub-americanos o imperialismo tem, sempre, se encarregado de criar. Isso temos inúmeros exemplos. Aliás, o método é histórico. Nero incendiou Roma e culpou os cristãos. Mais proximamente, Hitler incendiou o parlamento alemão e culpou os comunistas. A metrópole, na realidade, não tem muita imaginação e nem progrediu nesses quatrocentos anos.

Mas é como dizia o poeta, no seu drama: no sol continuará a brilhar para todos, as árvores darão sempre sombra.

ANA MONTENEGRO

II CONFERÊNCIA SINDICAL NACIONAL

Sexta-feira, dia 20, às 9 horas, no "Palácio dos Metalúrgicos", será instalada a 2.ª Conferência Sindical Nacional. Mais de mil delegados de todo o país já se encontram nesta Capital, a fim de participarem daquele conclave.

A Conferência será encerrada, solenemente, no próximo dia 23, às 20.30 horas, no Teatro João Caetano. Ao ato comparecerá o presidente e o vice-presidente da República.

BANANAS BRASILEIRAS EM MOSCOU

Três cachos de bananas brasileiras, enviadas a título de amostra, por intermédio do Hamburgo, chegaram a Moscou, via aérea, suplantando bem o transporte e apresentando boas condições, sem qualquer avaria.

Essa comunicação foi feita ao Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, pela firma Moinhos do Norte do Brasil, que recebeu, a 2 do corrente, carta da "Procontog" de Moscou, Divisão do Ministério do Comércio Exterior da URSS, encarregada da importação de frutas e gêneros alimentícios. Está a referida instituição interessada na compra de bananas, desde que haja acordo de pagamento entre os dois países.

Sucursal de NOVOS RUMOS em Santos

SANTOS (Da Sucursal) — Foi solenemente inaugurada nesta cidade, no último dia 7, a sede da Sucursal de NOVOS RUMOS, situada na rua do Comércio, 9, 2.º andar. O diretor da nova sucursal é o sr. Lazaro Moreira, figura bastante conhecida nos meios locais. A solenidade de inauguração foi marcada com a realização de uma esplêndida conferência do cientista Mário S. Hemberg sobre os "Luzes" e foguetes Interplanetários. Ao ato compareceram líderes sindicais, estudantes, jornalistas e inúmeros populares. Também esteve presente o sr. Guilherme Cavalcanti, representante de NOVOS RUMOS.

Emissões da Rádio de Moscou para o Brasil

A Rádio de Moscou transmite diariamente, em língua portuguesa, das 19,30 às 21 horas, hora do Rio de Janeiro, pelos comprimentos de onda de 19 e 25 metros.

DIVULGUE

"NOVOS RUMOS"

CUNVERSA DI CAMPONÊIS

(Bolação de Zé Tavêra, dedicada a Zé Praxede, o poeta vaqueiro)

Si fô se ficá parado, cada veis vai mais pra traiz.

O qui não pode é eu só ou eu i tu, nós sózinho, arrecramá do patrão, Pedi mais um bucadinho

Basta de méia, de têra, de adividí o patrão, o qui se pranta i se coia — Qui vamo fazê antão?

O, lavradô do Brasil perciso se arreuni, pra arresorvé todos junto o quêles que conseguí

— E' se deixá di sé bêsta, fazê cumu na cidade, i comçá izirgindo o nosso da otêridade

Nós temo qui nos uni, môdi vé si a coisa muda i si aparece um gunvêrno qui possa nos dá ajuda

Nossos irmão operário trabaiá i ganhá é dianhêro; num vêve assim cumu gente, escravo do fazendeiro.

O govêrno qui tá aí é coisa só dos patrão, qui se a gente num cuida, ôtro gunvêrno farão, gunvêrno qui só defende o intêresse dos qui tem, deixando nós na pobreza sem tê siquê um vintém

Eles tem seus sindicato donde faz as reunião, pra resorvé i pedi millhoria pru patrão.

Nós temo qui reagi i um grande broco forma môdi botá no gunvêrno um home bem populá, um home qui comprienda a nossa situação i qui queira nos livrá da mardita iscravidão

A gente tem di luta pra conseguí de um tudo, Num pense qui cai do céu, ficando parado i mudo

— Tu acha qui a gente podê assim da noite pru dia resorvé tudo di veiz i té carta di aforria?

Nós tem qui cortá as unha di tôdas as exploração, intê ganhá essas terra qui diz na Constituição,

— Nós temo qui começá a nossa revolução recramando legarmente contra a negra servidão

I quando isso vinhe, quando isso assuceu, ai então, só cumpadre, ai então vai se vê:

A «sorte» ninguém nos dá... A sorte a gente é qui faz.

Os operário das fabrica, os diplomata, os dotô, os homes aqui do campo gente di tôda a cô, trabaiando tudo alegre, tudo farto i bem feliz. I o Brasil, véio di guerra, urado um grande país.

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXEDI — o poeta vaqueiro

Favela do «Canta Galo», Cumpade Mané Barbêro: Tem tanto do qui falá Num sei qui diga premero.

Quando Quincó Assunção, Tumô conta da fazenda, Cumeçô a trabaiá Sem fazê mais incumenda.

O povo da capitã Num come mais de panela. Compra a carne já cozida, Vem sargada, já muída E num vendem pras favela

Doutô Nerço se zangô Mandô a conta cobra. O seu Quincó ficô vendo Qui Maniçoba vendendo Era póco pra pagá.

Cumpade, tu tã alemba, Da fazenda Maniçoba? Tudo quanto percisava Mandava vê na Peroba. Quem compra aquilo qui tem? E' num ladrão qui se roba

Em me alemba da luta, Lutei pelos Assunção, Ganhemo pur sê mais forti Aquela ribulição. Os Miúdo s'acabaro Pra dexá de sé ladrão.

Rapadura, carne-sêca, Farinha, café, feijão, Me-de-furo, ogordente, Tomate, arroz, argudão, Tudo quanto percisava A Peroba li mandava Sem recebé um tustão.

Quando vejo meu Brasil Cumendo carne gelada, Feijão qui poico num come Tã vindo de tunelada! M'alemba da Maniçoba... Êle lá são a Peroba: Gente sabida e marvada!

Porém, o lape mardito, Do doutô Nerço Miúdo, Sem dizê nada a ninguém Tumava nota de tudo.

Farta munto, meu cumpade, Pra nos vim a liberdade. Manezir, dos Anastaço, C teu sardoso cumpade.



A bomba norte-americana

— Causou enorme revolta na opinião pública o escândalo da importação pela COFAP de feijão de inferior qualidade e parcialmente estragado, a preços muito acima do normal. A negociata foi feita nos últimos dias da gestão do coronel Frederico Mindêlo. Ao que se informa na COFAP, para acertar os últimos detalhes para compra esteve no gabinete do coronel Mindêlo, um dia antes de sua exoneração, o conhecido negociata Petrosen, agente da Anasea, firma americana que vendeu o feijão, que só saiu de lá quando foram assinados os documentos necessários.

Ao coronel Mindêlo pouco importava saber qual o tipo, a qualidade ou qual o ano em que foi colhido o feijão, desde que a comissão que receberia fosse elevada. Exatamente por isso, deixou que apodrecesse no cais do porto feijão nacional, e recusou ofertas melhores para compra em Goiás e na África do Sul. A falta de escrúpulos com que foi concluído o negócio, conforme pudemos constatar na COFAP, levou a que não se cuidasse nem mesmo de examinar o produto antes de que fosse embarcado nos Estados Unidos, e o resultado foi que grande parte do feijão, que nos custou mais de 200 milhões de cruzeiros, chegou estragado.

Prestes Entre Os Chineses

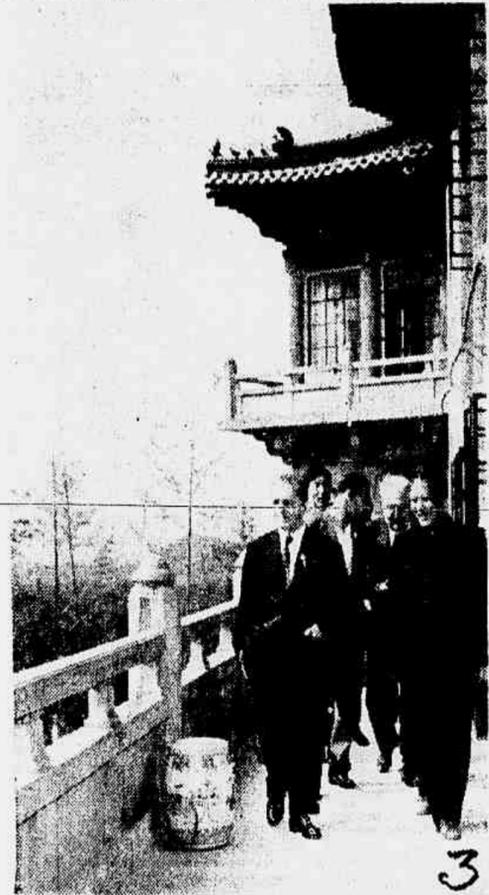
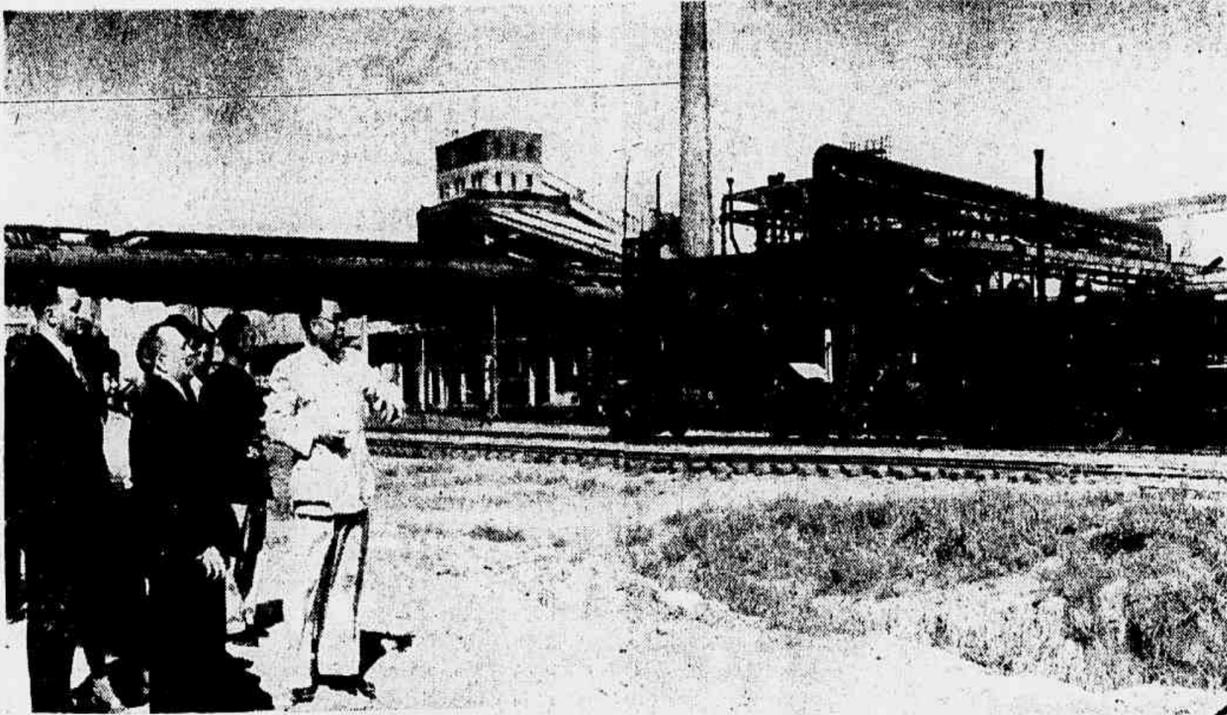
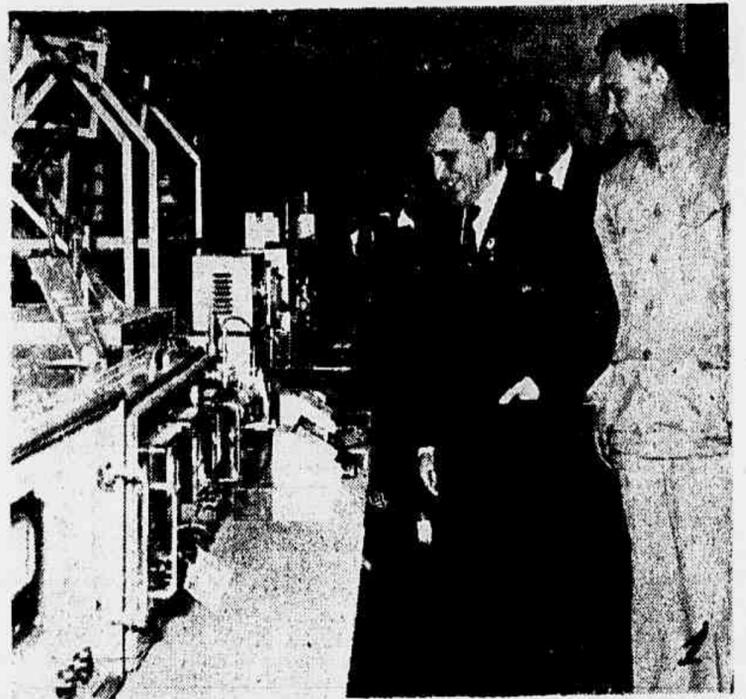
As comemorações do X Aniversário de fundação da República Popular da China compareceram personalidade de todos os países do mundo.

As delegações que assistiram às festividades puderam constatar o grande avanço realizado nesses dez anos pelo povo chinês na indústria, agricultura, arte, esporte, em todos os terrenos da atividade humana.

Os flagrantes ilustram algumas das visitas de Prestes e outros membros de delegações da América Latina a diversos centros representativos da cultura chinesa.

1 — Sala de exposição dos resultados obtidos em pesquisas científicas pelos professores e estudantes da Universidade Fudan, em Changai; 2 — Combinado de

Ferro e Aço Wuhai; 3 — Sanatório Pinfengshan, em Hangchow, província de Chekiang; 4 — Prestes cumprimenta Hung Hsiensan, a mais famosa atriz da Ópera de Kwangtung; 5 — Delegados da Argentina, Brasil, Chile, Bolívia e Equador posam diante do edifício onde foi realizado o Primeiro Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, em Changai; 6 — Antiga sede do Instituto Nacional do Movimento Camponês em Canção, que foi dirigido, em 1926, pelo presidente Mao Tse-tung; 7 — Membros das delegações do Brasil, Argentina, Chile, Cuba e Uruguai assistem a uma exibição de danças folclóricas da China, executadas por crianças de uma creche da Comuna Popular Hsihu (Lago Oeste), em Hangchow.



**NOVOS
RUMOS**

